

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

MARTA FARINHA CANDIOTA KARRER RODRIGUES

**JORNALISMO DE CELEBRIDADES E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: ANÁLISE DO  
DISCURSO SOBRE O CASO RIHANNA E CHRIS BROWN**

PORTO ALEGRE

2017

MARTA FARINHA CANDIOTA KARRER RODRIGUES

**JORNALISMO DE CELEBRIDADES E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: ANÁLISE DO  
DISCURSO SOBRE O CASO RIHANNA E CHRIS BROWN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora: Profª Drª Marcia Benetti Machado**

**Co-orientadora: Ms. Pâmela Caroline Stocker**

PORTO ALEGRE

2017

MARTA FARINHA CANDIOTA KARRER RODRIGUES

**JORNALISMO DE CELEBRIDADES E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: ANÁLISE DO  
DISCURSO SOBRE O CASO RIHANNA E CHRIS BROWN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora: Profª. Drª. Marcia Benetti Machado**

**Coorientadora: Ms. Pâmela Caroline Stocker**

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Drª. Marcia Benetti Machado

Orientadora

---

Msª. Pâmela Caroline Stocker

Coorientadora

---

Profª. Drª. Sandra de Fátima Batista de Deus

Examinadora

---

Msª. Fernanda Nascimento

Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Não é fácil escrever sobre coisas que nos incomodam – e é exatamente por isso que nós devemos falar, estudar e pesquisar sobre elas. Muitas vezes, durante o desenvolvimento deste trabalho, vi notícias e entrevistas que me revoltaram, reviraram meu estômago e me fizeram ter ainda mais certeza de que a produção acadêmica precisa se voltar cada vez mais aos estudos de gênero. Por isso, preciso agradecer em primeiro lugar a todas as mulheres da minha vida que me ajudaram a construir a força para superar os momentos de raiva e transformá-los em algo produtivo. A toda minha família, mas em especial à minha mãe, que é e sempre será minha maior inspiração: obrigada por todo o apoio e toda a compreensão durante esse período cansativo. Agradeço aos meus amigos, por entenderem as ausências que foram necessárias e por me ajudarem a descansar a cabeça nos momentos mais críticos.

Quero (e preciso) agradecer, ainda, às minhas orientadoras, Marcia, e coorientadora, Pâmela, por acreditarem em mim e me apoiarem nos momentos de insegurança. Obrigada por me guiarem neste processo tão enriquecedor, e por transformarem algo que me preocupava tanto em um aprendizado tão grande sobre a produção de conhecimento e sobre a experiência feminina.

Sou imensamente grata às minhas amigas que me acompanharam durante toda a pesquisa e compartilharam a minha dor ao constatar que a cada ano temos novos dados sobre a violência de gênero em todas as suas formas ao redor do mundo, mas seguimos esperando medidas que busquem soluções para o problema. Vocês foram a inspiração e a motivação para este trabalho e me fazem crescer imensamente como mulher e como pessoa. Sou extremamente privilegiada por ter ao meu lado tantas mulheres incríveis. É um privilégio ver vocês dominarem o mundo.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender como o jornalismo de celebridades aborda a violência doméstica, utilizando como objeto de estudo a primeira entrevista exclusiva concedida pela cantora Rihanna ao programa 20/20, da emissora ABC após ser agredida pelo então namorado Chris Brown, em 2009. O caso ganhou grande relevância midiática não só pela fama dos artistas envolvidos mas pelo vazamento de uma foto da polícia que ilustrou a brutalidade da ocorrência e também pelo fato da cantora ter voltado com Chris algumas semanas depois do episódio. A partir das estatísticas que comprovam que as mulheres negras são as maiores vítimas da violência de gênero em suas diversas formas, busca-se compreender como o jornalismo interpreta um episódio de violência doméstica quando ambos os envolvidos são pessoas públicas. Com base na teoria construcionista, compreende-se as notícias como construção social da realidade, moldadas a partir das visões de mundo, dos valores e das subjetividades dos jornalistas. Os estudos de gênero e feministas também são utilizados para entender a maneira como a violência contra a mulher é naturalizada e perpetuada na sociedade. Empregando a análise de discurso como método, foram encontrados quatro núcleos de sentido relacionados à abordagem jornalística: culpabilização da vítima, mito do amor romântico, sensacionalismo e glamourização da vítima. Conclui-se que o jornalismo de celebridades traz um entendimento raso sobre a violência doméstica, ignorando seus fatores estruturais, tratando-a como um fenômeno individual em que a vítima é responsabilizada por não sair da relação abusiva e os papéis de gênero atribuídos a homens e a mulheres não são questionados. Percebeu-se ainda uma maior importância dada aos detalhes mais dramáticos, buscando provocar reações emocionais na vítima.

**Palavras-chave:** jornalismo de celebridades, violência doméstica, gênero, análise de discurso

## ABSTRACT

The objective of this study is to understand how celebrity journalism frames domestic violence, focusing on the first interview given by Rihanna after being battered by Chris Brown, aired on ABC's 20/20 on December, 2009. The case gained a lot of media attention not only due to the fame of both of the people involved, but also because of the picture leaked by TMZ showing Rihanna's bruised face, revealing the brutality of the assault, and also due to the fact that she came back to him a few weeks after the occurrence. Using statistics that prove black women are the most affected victims of gender-based violence in all of its forms, this study seeks to comprehend how journalism interprets an episode of domestic violence when both people involved are public figures with trajectories that were already known by the media. With the assistance of constructionist theory, it is shown that news are part of the social construction of reality, molded from the journalist's worldview, values and subjectivities. Gender and feminist studies are also used to understand how violence against women is taught, naturalized and perpetuated in society. By employing discourse analysis as a method, it is concluded that celebrity journalism brings a shallow understanding of what domestic violence is, ignoring its structural factors, treating it as an individual phenomenon where the victim is held responsible for not leaving the relationship and the gender roles taught to men and women are never questioned. Still, it is perceived that a bigger importance is given to the more dramatic details, indicating a sensationalist approach that is always trying to provoke a shocking reaction from the victim.

**Keywords:** celebrity journalism, domestic violence, gender, discourse analysis

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Rihanna e Chris Brown na festa pré-Grammy.....	46
<b>Figura 2</b> – Foto do rosto desfigurado de Rihanna, tirada pela polícia após a agressão e vazada pelo TMZ.....	47
<b>Figura 3</b> – Rihanna na capa da edição de janeiro de 2010 da revista GQ .....	69
<b>Figura 4</b> – Editorial da edição de janeiro de 2010 da revista GQ.....	70

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 JORNALISMO</b> .....	15
2.1 Jornalismo e a construção da realidade .....	15
2.2 Telejornalismo e imagem-sintoma .....	20
2.3 Jornalismo de celebridades e as estrelas que são "gente como a gente" .....	23
<b>3 GÊNERO</b> .....	30
3.1 Breve histórico do conceito .....	30
3.2 Gênero e violência contra a mulher .....	34
3.3 Interseccionalidade e os marcadores sociais da diferença .....	38
<b>4 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO JORNALISMO DE CELEBRIDADES: ANÁLISE DO CASO RIHANNA</b> .....	45
4.1 Mulher, negra, imigrante, sex symbol, celebridade: quem é Rihanna? .....	45
4.1.1 Programa 20/20 e a jornalista Diane Sawyer.....	48
4.1.2 Timeline do caso.....	49
4.2. Análise de Discurso .....	51
4.3.1 Culpabilização da vítima.....	53
4.3.2 Mito do amor romântico .....	56
4.3.3 Sensacionalismo.....	59
4.3.4 Glamourização da vítima .....	61
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	73
<b>7 ANEXOS</b> .....	77



## 1 INTRODUÇÃO

*"Eu **sou** forte. Isso aconteceu **comigo**."  
- Rihanna, para o 20/20*

21 de janeiro de 2017. Mais de dois milhões de pessoas vão às ruas de múltiplas cidades nos Estados Unidos em protesto à posse de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos e alvo de diversas acusações de assédio sexual. Em 8 de março do mesmo ano, o presidente brasileiro Michel Temer (que assumiu em maio 2016 sem colocar uma única mulher na liderança dos Ministérios) diz em um discurso que ninguém entende dos preços de supermercado e da economia do lar como a mulher – ao mesmo tempo que várias cidades brasileiras eram tomadas por mulheres protestando em nome dos seus direitos e pelo fim da cultura do estupro.

30 de outubro de 2017. O Senado brasileiro abre uma consulta pública para retirar o termo feminicídio<sup>1</sup> do código penal, com um projeto que fala em crime passional.

8 de dezembro de 2017. Uma comissão especial da Câmara dos Deputados formada por 18 deputados homens e uma mulher vota a favor de uma Proposta de Emenda Constitucional que proíbe o aborto no Brasil em todas as instâncias, inclusive em caso de estupro.

Menciono os casos acima apenas para ilustrar como o mundo, de forma geral, é cruel com as mulheres. Nós estamos sujeitas à violência em todas as suas formas dentro de uma sociedade patriarcal, que pode surgir em qualquer âmbito – seja no doméstico, profissional ou institucional. O racismo violento (e ao mesmo tempo velado) da sociedade brasileira reforça ainda mais esse quadro, se entrelaçando às opressões de gênero e afastando ainda mais as mulheres negras das posições de poder. Ainda, é necessário olharmos para a reação do jornalismo diante de momentos emblemáticos que ilustram a gravidade dessas violências:

---

<sup>1</sup> O termo feminicídio foi incluído no código penal em 2015 para abranger os homicídios qualificados como crime "contra a mulher pelas razões da condição de sexo feminino".

5 de outubro de 2017. O clássico jornal americano *The New York Times* publica uma reportagem investigativa detalhando acusações de assédio sexual contra o produtor e diretor Harvey Weinstein, trazendo depoimentos de várias atrizes de Hollywood. A denúncia gerou uma onda de novas vítimas vindo à tona, a demissão do produtor e uma série de novas denúncias de casos de assédio, violência doméstica e estupro cometidos por diversos homens famosos do país que resultaram, ao todo, em 42 demissões e 24 suspensões elencadas posteriormente pelo jornal<sup>2</sup>.

12 de agosto de 2015. Depois de ser atacada a golpes de facão pelo companheiro de uma maneira tão brutal que lhe fez perder as mãos e os pés, Gisele Santos, de 22 anos, foi entrevistada pelo Diário Gaúcho, um dos principais jornais populares do Rio Grande do Sul. O veículo decidiu que a melhor abordagem para a matéria seria fazer com que a vítima, ainda no leito de hospital, com os membros enfaixados, a cabeça raspada e visivelmente abalada pela situação que havia ocorrido há menos de duas semanas, respondesse comentários dos leitores sobre o caso. Perguntas como "Por que não se separou no primeiro tapa?", "O que você fez para ele perder a cabeça?" e "Por que demorou tanto tempo para perceber que ele não mudaria?" mostram a maneira sintomática como o jornalismo tradicional costuma abordar o problema social da violência contra a mulher em todas as suas formas, em especial a violência doméstica: focando na responsabilidade da vítima em impedir a agressão e não dando atenção ao sistema patriarcal que transforma os homens em agressores.

Neste cenário político, social e midiático, se torna cada vez mais necessária a discussão sobre violência contra a mulher dentro e fora do ambiente acadêmico. Mais urgente ainda é a inclusão do marcador de raça neste debate, que muitas vezes é esquecido nas temáticas do feminismo. Meu interesse na temática começou quando li um artigo no portal de notícias *Buzzfeed* que trazia capas da revista americana *People* através dos anos, ao lado de homens famosos acusados de violência contra a mulher.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/11/10/us/men-accused-sexual-misconduct-weinstein.html>> Acesso em 18 dez. 2017.

Nesse momento, fui lembrada mais uma vez de como esses casos são frequentes no meio do entretenimento.

Trabalho com cultura e arte independente desde 2015, e enquanto este trabalho estava sendo produzido, vi um integrante de uma das minhas bandas favoritas ser acusado de agressão e violência sexual -e, na sequência, tentar, a todo custo, dispersar a conversa sobre o caso. Isto me provou mais uma vez o quanto o cenário cultural de forma geral ainda é dominado por homens e o quanto este trabalho era importante tanto para mim a nível pessoal, quanto para acrescentar à discussão já existente sobre a violência doméstica.

Para dar início ao trabalho, busquei pelos termos relacionados à temática da pesquisa no Repositório Digital – Lume – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Encontrei 34 resultados para a palavra-chave "**violência doméstica**", e buscando por "**violência contra a mulher**", este número aumentou para 59. Muitos dos trabalhos encontrados vinham da área do direito ou da saúde. E entre eles, um trabalho de conclusão do curso de enfermagem, realizado por Maura Ferrão (2010), analisa os casos de violência doméstica divulgados em um jornal popular do Rio Grande do Sul, com o título *Caracterização da violência contra a mulher divulgada na mídia gaúcha*.

Nenhum dos trabalhos sobre violência doméstica e violência contra a mulher que encontrei falavam de celebridades como vítimas. A busca por "**celebridades**" rendeu nove resultados, e nenhum deles fazia a intersecção com violência doméstica.

Entre os estudos feitos no campo da comunicação, destaco o trabalho de conclusão de curso de Luana Casagrande (2016). Com o título *Violência de gênero contra a mulher e a construção social da notícia: uma análise de casos de feminicídios no G1*, a autora analisa notícias de casos de feminicídio e as relaciona com os principais critérios jornalísticos e com os estudos de gênero, concluindo que o portal de notícias (e conseqüentemente, seus repórteres) ainda enxerga estes casos como isolados e não como um fenômeno social que é fruto do machismo estrutural – o que foi de grande ajuda no período inicial desta pesquisa.

Já procurando por "**análise discursivas e textuais**", surgiram oito trabalhos. Buscando por "**análise do discurso jornalístico**", encontrei quatro resultados. Nenhum deles falava especificamente sobre gênero. Já procurando por "análise do discurso", obtive 350 resultados, e vários destes abordavam a experiência e a imagem feminina em suas temáticas, inclusive usando os estudos de gênero e feministas como base. Em "**estudos de gênero**", foram encontrados 54 resultados, e entre eles estava a tese de doutorado que serviu como base para este trabalho: *Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias*, de Marcia Veiga da Silva (2010). Encontrei também a dissertação de mestrado de Maria de Fátima Marques (2011) *Mídia e gênero: análise crítica da violência contra a mulher no telejornalismo*, que examinou criticamente matérias jornalísticas da televisão brasileira que tratavam de casos de violência doméstica, ressaltando a abordagem sensacionalista que as vítimas costumam receber.

Destaco ainda o artigo de Maria José Gamez Fuentes, Emma Gómez Nicolau e Rebeca Maes (2016) encontrado na Revista Latina de Comunicación Social, intitulado *Celebrities, violencia de género y derechos de las mujeres: ¿hacia una transformación del marco de reconocimiento?*, que analisa as relações entre as figuras públicas femininas e o feminismo. A tese de doutorado de Ligia Lana (2016), intitulada *Jornalismo de celebridade, interesse humano e representações femininas na contemporaneidade* também foi igualmente fundamental.

É importante ressaltar novamente que na grande maioria dos trabalhos encontrados e dos casos analisados as pessoas comuns são as vítimas. Os repórteres não sabiam quem eram estas mulheres antes que elas fossem mortas, estupradas ou agredidas. Seus nomes nunca haviam surgido nas redações antes da ficha policial. Refletindo sobre isso, decidi analisar um caso que envolve uma celebridade, uma cantora famosa que já era conhecida pela mídia muito antes de ser violentada.

Rihanna já era tida como artista revelação na imprensa americana quando foi vítima de violência doméstica em fevereiro de 2009. Os jornalistas já sabiam seu histórico familiar, os momentos mais marcantes da sua carreira e conheciam a sua

identidade como artista e pessoa pública. E mesmo com todo o apoio de uma equipe de relações públicas, empresários e assessorias de imprensa, a artista não teve um tratamento tão diferente do que a maioria das vítimas costuma ter.

Nesse contexto, este trabalho tem como **problema de pesquisa** os seguintes questionamentos: como o jornalismo de celebridades aborda o tema da violência de gênero contra a mulher quando a vítima é uma cantora pop mundialmente conhecida? Como as informações que a imprensa já tinha sobre a vítima influenciam na cobertura do caso? Como **objetivo geral**, busco entender como o jornalismo de celebridade trata as vítimas de violência doméstica a partir do caso de Robyn Rihanna Fenty e Chris Brown, analisando a abordagem e construção do programa 20/20 na entrevista realizada com a vítima.

Para isso, tenho como **objetivos específicos**: 1) observar de que forma atuam as opressões de gênero, raça, geração e nacionalidade no discurso dos jornalistas, verificando se colabora para a ideia de culpabilização da vítima; 2) refletir e discutir de que forma o jornalismo reforça ou não a manutenção de valores predominantes na sociedade; 3) avaliar como as informações que os jornalistas já tinham a respeito da vítima influenciam no enquadramento dado ao caso.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, transcrevi e traduzi a entrevista concedida ao programa 20/20 por Rihanna em novembro de 2009, e em seguida fiz o mesmo com a entrevista concedida ao mesmo programa por Chris Brown, um mês depois. O trabalho foi dividido em quatro capítulos: no que segue, discorro sobre o papel do jornalismo na construção social da realidade, discutindo o papel da emoção nas imagens produzidas pelo telejornalismo e a importância das celebridades na construção da audiência. Para isso, me baseei no trabalho de Charaudeau (2009), Alsina (2009), Traquina (1992), Hall (1997), Fischer (2002), Veiga da Silva (2010) e Morin (1984).

Na terceira parte do trabalho, busco aprofundar na categoria do gênero como análise histórica, trazendo os conceitos de violência doméstica e interseccionalidade, procurando entender como o racismo estrutural contribui para o quadro da violência contra a mulher em todas as suas formas. Para isso, me apoiei na obra de autoras

como Scott (1985), Piscitelli (2009), Crenshaw (1993, 2004), Cardoso (2014) e Cabrera (2011). Ainda, utilizei os estudos de Fanon (2008) e Hall (1995) para trazer uma definição mais completa do conceito de raça.

Na quarta e última parte, utilizei a Análise de Discurso como método de análise dos sentidos produzidos e reproduzidos pela entrevista concedida por Rihanna, voltando meu olhar para as perguntas realizadas por Diane Sawyer para a cantora. Primeiro, são resgatados os conceitos básicos da metodologia como elencados por Benetti (2007, 2016), e, na sequência, são estabelecidos núcleos de sentido para facilitar o entendimento do objeto. Já o livro *Domestic Violence, Media, and Social Problems*, de Berns (2004) foi essencial para este trabalho, por relacionar as três principais áreas de conhecimento envolvidas nesta pesquisa em uma única obra.

## 2 JORNALISMO

A parte inicial desta monografia busca resgatar as teorias que percebem as notícias como uma construção social da realidade, considerando que a atividade jornalística é influenciada por uma série de fatores e processos de interação social entre diversos agentes: jornalistas e as fontes de informação, jornalistas e a sociedade e também os membros da comunidade profissional jornalística dentro e fora do ambiente de trabalho (TRAQUINA, 2005). Este trabalho procura também discutir o papel da emoção nas imagens produzidas pelo telejornalismo, utilizando o conceito de imagem-sintoma (CHARAUDEAU, 2009) e abordar o jornalismo de celebridades. Para isto, me apoiarei na pesquisa de autores como Traquina (2005), Morin (1984) e Charaudeau (2009), Veiga da Silva (2010) e Hall (1997).

### 2.1 Jornalismo e a construção da realidade

Podemos dizer que as notícias fazem parte de diversos momentos das nossas vidas. Elas são barulho de fundo no nosso dia a dia, habitam nossas *timelines* nas redes sociais e constantemente se tornam tema de nossas conversas com amigos e familiares. Ou seja, seria ingênuo pensar que o jornalismo simplesmente reflete a realidade como um espelho: as notícias são feitas por pessoas que carregam visões de mundo e vivências e que, por sua vez, também são influenciadas pelos acontecimentos ao seu redor. O próprio conceito de realidade é construído culturalmente, como afirma Stuart Hall ao dizer que "devemos pensar as identidades sociais como "construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas" (1997, p. 22). O autor ainda reforça que o interesse pela linguagem nas ciências humanas tem aumentado nos últimos anos, causando com que ela tenha um papel mais importante nos campos da filosofia, da literatura, do feminismo, da antropologia cultural e da sociologia, deixando claro seu posicionamento de que os fatos são construídos em parte pelo que dizemos sobre eles: "O significado surge, não das coisas em si – 'a realidade' – mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos" (HALL, 1997, p. 24). Alsina também aborda o conceito em sua obra, afirmando que "não existe leitura da realidade que

seja descontextualizada e que não esteja objetivada" (2009, p. 113). Para entender como o jornalismo trata os problemas sociais, primeiro é preciso partir do princípio que a nossa noção de normalidade é, em grande parte, formada pelo que vemos nas notícias diariamente. Por isso, me baseio nas teorias que encaram as notícias – e por consequência, o jornalismo – como uma construção da realidade. Como afirma Traquina (2005), este paradigma parte do princípio de que as notícias ajudam a construir a própria realidade, considerando que elas "registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento" (CAREY, 1986 apud TRAQUINA, 2005, p. 174).

Nessa mesma linha, Patrick Charaudeau (2009) nos lembra que um acontecimento não existe por si só, sendo sempre fruto de uma construção. Para o autor, todo acontecimento é resultado de uma leitura que lhe confere sentido. Sendo assim:

O acontecimento midiático é objeto de uma dupla construção: a de uma encenação quando da sua transmissão e que revela o olhar e a leitura que dele faz a instância midiática, e a do leitor-ouvinte-telespectador que a recebe e interpreta (CHARAUDEAU, 2009, p. 72).

Na perspectiva das teorias construcionistas, existem duas vertentes ressaltadas por Traquina (2002): as teorias estruturalistas e as interacionistas. Ambas consideram que as notícias resultam de processos complexos de interação social entre agentes sociais (entre jornalistas e fontes de informação, jornalistas e a sociedade, e até entre membros da comunidade profissional dentro e fora da organização jornalística em questão); e também conferem um certo nível de autonomia aos jornalistas e a importância dos valores-notícia como critérios de noticiabilidade (que serão explorados detalhadamente mais adiante).

Essas duas vertentes teóricas ressaltam que os jornalistas não são observadores passivos mas sim participantes ativos na construção da realidade, e, por sua vez, as notícias são encaradas como narrativas. A maior divergência entre a teoria estruturalista e a interacionista é que a primeira considera as fontes como um bloco uniforme, enquanto a segunda entende que uma multiplicidade de forças diferentes age sobre o trabalho do jornalista – inclusive o fator tempo.



Hall argumenta que a linguagem é presumidamente subordinada e "está a serviço do mundo do 'fato'" (1997, p. 23). Partindo desse ponto de vista, não se pode dizer que a linguagem tem a capacidade de ser neutra ou imparcial. Depois de compreender que as notícias são construídas, é preciso voltar nosso olhar para os critérios que influenciam na sua construção: O que faz um jornalista escolher um acontecimento e não outro para transformar em fato jornalístico? Que fatores influenciam um repórter na criação de uma narrativa? Nelson Traquina (2002, p. 186-187) define os valores-notícia como "os critérios que os jornalistas utilizam na seleção de um acontecimento" (os chamados valores-notícia de seleção) e "qualidades da sua construção que funcionam como linhas-guia para a apresentação do material" (que classifica como valores-notícia de construção).

Para analisar as entrevistas escolhidas como objeto de estudo deste trabalho será necessário levar em conta a cultura jornalística onde elas foram produzidas. Dentre os chamados valores-notícia de construção, a **notoriedade do agente do acontecimento** explica o interesse da mídia em casos que envolvem celebridades, por exemplo. "O nome e a posição das pessoas são importantes como fator de noticiabilidade. O que o Presidente da República faz é importante, porque o Presidente da República é importante" (TRAQUINA, 2002, p. 188).

Esse fator explica, por exemplo, porque vemos manchetes e capas de jornal sobre celebridades fazendo coisas cotidianas, que seriam consideradas comuns para qualquer cidadão médio. As notícias que ajudam a construir o que é considerado incomum, anormal ou inédito (e também se constroem a partir destes fatores, simultaneamente), também são responsáveis por formar a nossa definição do que é comum, normal e aceitável:

Os critérios substantivos dos valores-notícia que acabamos de ver, e, em particular, o de notabilidade, implicam um pressuposto sobre a natureza consensual da sociedade. Alguns destes valores-notícia ajudam eles próprios a construir a sociedade como "consenso". Primeiro, o consenso requer a noção de unidade: uma nação, um povo, uma sociedade, muitas vezes traduzidos simplesmente para o "nosso" – a nossa indústria, a nossa polícia, a nossa balança de pagamentos (TRAQUINA, 2002, p. 193).

Uma possível exceção se baseia em outro valor-notícia de construção: o **conflito ou a controvérsia**<sup>3</sup>, que o autor exemplifica como algo tão corriqueiro como um desentendimento entre líderes políticos até algo mais extremo como a violência física. A violência física, aliás, "representa uma ruptura na ordem social" (TRAQUINA, 2002, p. 192), distinguindo "entre os indivíduos que se integram fundamentalmente na sociedade e os que estão fora dela" (TRAQUINA, 2002, p. 193). Esse valor-notícia se relaciona com outro critério de noticiabilidade importante: trata-se do critério da **infração**, que engloba todo e qualquer tipo de transgressão ou violação de regras.

Vale ressaltar ainda o critério da **personalização** (TRAQUINA, 2002, p. 199): quando há um sujeito no acontecimento, e esse sujeito é facilmente reconhecido pelo público, o acontecimento tem mais chances de se tornar notícia. Outro critério importante para a transformação dos acontecimentos em notícias, especialmente na televisão, é a **visualidade** (TRAQUINA, 2002, p. 196). Não há como cobrir algo se as imagens são ruins, insuficientes ou simplesmente não existem.

Tendo em vista estes critérios, é possível observar as perguntas e enquadramentos feitos pelos repórteres percebendo os valores-notícia já entranhados na cultura jornalística, entendendo quais são as informações consideradas relevantes para a narrativa do acontecimento. As histórias mais dramáticas e mais fáceis de representar visualmente ganham mais espaço do que análises complexas de problemas multifacetados. É nisso que se baseiam os valores-notícia da **dramatização** (p. 199) e da **simplificação**: "quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e de complexidade, mais possibilidades tem a notícia de ser notada e compreendida" (TRAQUINA, 2002, p. 198). Traquina ressaltava que o jornalismo costuma focar sua cobertura em acontecimentos específicos em vez de se voltar para as problemáticas em si, já que os primeiros são "concretos, delimitados no tempo e mais facilmente observáveis" (TRAQUINA, 2002, p. 91).

Os critérios jornalísticos destacados até aqui foram empregados na cobertura do caso de Rihanna e Chris Brown, que será objeto de estudo e análise desta

---

<sup>3</sup> Grifos da autora.

monografia. Importa destacar que o conjunto completo dos valores-notícia elencados por Traquina (2002) ajudam a formar a "esfera de consenso", onde

encontramos os valores consensuais da sociedade, como a pátria, a maternidade, a liberdade. Nos seus limites estão esses objetos sociais que não são vistos pelos jornalistas e pela maioria da sociedade como controversos. Dentro desta esfera, os jornalistas não se sentem compelidos a apresentar pontos de vista opostos, e, na verdade, sentem frequentemente como sua responsabilidade agir como advogados ou protetores criminais dos valores de consenso. Dentro desta esfera, os media noticiosos têm um papel essencialmente conservador e legitimador (2002, p. 193-194).

Partindo do entendimento de que o jornalismo ajuda a definir e a manter o que a sociedade considera como normal e aceitável, podemos perceber que aquilo que nos surpreende também choca a imprensa, e vice-versa – e é justamente por isso que a cobertura de problemas sociais complexos e multifacetados é um desafio tão grande para qualquer repórter.

Em seu livro *Framing The Victim: Domestic Violence, Media and Social Problems*, a pesquisadora norte-americana Nancy Berns (2004) explica que o enquadramento dado pelo jornalismo aos problemas sociais influencia o modo com que o público lida com eles: "A mídia forma a maneira como as pessoas *pensam* sobre problemas sociais; para muitas pessoas, a mídia é como elas *experenciam* os problemas sociais" (BERNS, 2004, p. 37, tradução nossa<sup>4</sup>). Por isso, é preciso destacar a responsabilidade dos jornalistas ao retratar problemas sociais como a violência doméstica (e todas as formas de violência contra a mulher) de maneira a explicitar as diversas forças estruturais da sociedade que os englobam. Nessa direção, Stuart Hall aponta que "toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, influenciadas normativamente pelos significados culturais" (1997, p. 32).

Pensar no repórter como alguém imparcial, imune às emoções e capaz de se manter neutro em praticamente todo tipo de situação vai ao encontro do entendimento de que o jornalismo é feito por seres humanos que tem suas próprias crenças, ideologias e verdades sobre o mundo. Como afirma Veiga da Silva (2010, p. 139),

---

<sup>4</sup> Texto original: "The media shape the way people *think* about social problems; for many people, the media are how they *experience* social problems."

"aquilo que faz sentido para os jornalistas se associa às suas 'verdades', e, portanto, estas acabam presentes de algum modo nas notícias". A autora, que acompanhou a produção de um telejornal gaúcho durante onze semanas para a sua dissertação de mestrado, acrescenta que

a emoção era um dos principais valores-notícia, aquele valor invocado como capaz de gerar sentido não só para atrair a audiência, mas principalmente porque dizia respeito ao que fazia sentido a seus produtores. Na maioria das disputas entre fatos que poderiam tornar-se notícia, ou entre aqueles que deveriam abrir o programa, e até mesmo na definição dos contornos da matéria e do perfil do profissional para fazê-la, a "emoção" era o critério principal (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 148).

Esse critério emocional é um componente importante no jornalismo feito na televisão e também será observado nas análises que serão feitas mais adiante. Veiga da Silva (2010) afirma ainda que durante o estudo, percebeu que as visões de mundo dos jornalistas eram permeadas por concepções de classe, de raça, religião, sexualidade, geração e, principalmente, de gênero, semelhantes às aquelas predominantes em nossa sociedade e em seu padrão normativo que "nem sempre representam o todo, havendo uma infinidade de valores e visões diferentes que muitas vezes podem ser não reconhecidos ou não bem valorizados" (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 164).

Se "o que e quem produz as notícias muitas vezes pode estar mais relacionado com a cultura e com a reprodução dos lugares de poder do que se pode perceber" (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 164), podemos concluir que todo produto jornalístico tem uma forte influência da subjetividade de quem o cria e do lugar que este sujeito ocupa na sociedade. A emoção do jornalista como valor-notícia pode resultar numa empatia maior com suas fontes, ou pode fazer com que ele dramatize situações que exigem uma seriedade e frieza maiores.

## 2.2 Telejornalismo e imagem-sintoma

Podemos afirmar que interpretar os acontecimentos a partir do que vemos sobre eles na televisão já se tornou uma parte natural do cotidiano dos consumidores de mídia. As imagens e discursos midiáticos desempenham um papel importante na

formação das nossas opiniões sobre os acontecimentos. É como afirma Patrick Charaudeau:

O sentido de um acontecimento (dever-se-ia dizer os sentidos) não existe *a priori*, não tem verdade em si. Os sentidos surgem de um encontro entre as condições da sua produção e as condições da sua interpretação. O acontecimento não existe em si, é sempre construído (2009, p. 72).

Na televisão, estes discursos frequentemente buscam pela emoção, pelo lado dramático da estória, a fim de prender a atenção do telespectador pelo maior tempo possível. Para isso, é preciso encontrar imagens que carreguem muito significado sozinhas, que falem por si, que sejam impressionantes a ponto de ser impossível desviar o olhar. É o que Charaudeau chama de imagem-sintoma: uma imagem “já vista, que remete para outras imagens seja por analogia informal ou por discurso verbal intraposto” (2009, p. 73).

Filas de hospital, prédios em chamas, familiares chorando por entes queridos perdidos em uma tragédia, suspeitos algemados contra uma parede: todas essas imagens foram criadas e demonstradas tantas vezes em nossa cultura que automaticamente nos lembram de outros acontecimentos. O autor reforça que as imagens devem ser "simples, reduzidas a alguns traços dominantes" e também "ter um aparecimento recorrente, tanto na história quanto no presente, para que possa fixar-se nas memórias e acabe por se tornar instantânea", acrescentando que as imagens ficam nas memórias coletivas como sintomas dos acontecimentos dramáticos (CHARAUDEAU, 2009, p. 74).

Imagens que mostram violência sempre serão mais chamativas. É muito difícil desviar o olhar quando vemos alguém sendo agredido, objetos sendo destruídos, policiais batendo em manifestantes, etc. Ações violentas nos provocam emoções de uma maneira mais intensa – é como se a nossa raiva, nossa dor e nossa empatia fossem multiplicadas. E a televisão utiliza essa comoção a seu favor:

A televisão promove um verdadeiro consumo da violência. Observamos diariamente, nos filmes, novelas, mas principalmente nos telejornais, um excessivo do apelo ao sensacionalismo, transvestido de informação. A violência bruta, mais cruel é explorada e veiculada sem quaisquer constrangimentos e respeito aos envolvidos. (MARQUES, 2011, p. 58).

Além de ressaltar o destaque dado à violência pelo jornalismo, não podemos esquecer que aquilo que consideramos violento é em grande parte definido pelo senso comum. A importância do senso comum no jornalismo é abordado por Gaye Tuchman, que diz que "o conteúdo de uma notícia é composto de numerosos 'fatos', e o senso comum determina se uma informação pode ser aceita como 'fato'" (TUCHMAN, 1993, p. 87). Assim, a televisão acaba criando imaginários do que pode ser considerado verdadeiro. Charaudeau (2009, p. 80) divide estas verdades em vários tipos: dos fatos, da origem, dos atos, e por fim, a verdade de opinião e a verdade de emoção.

O autor se dedica às duas últimas verdades, afirmando que a verdade de opinião estabelece "um consenso que seria o grande valor de verdade" (CHARAUDEAU, 2009, p. 80) através de sistemas de crença e procurando ser compartilhada pela maioria das pessoas. Ainda, pode se manifestar na opinião comum (que pretende ao universal e é expressa por enunciados de valor geral), relativa (que mesmo sendo discutida, remete para uma convicção) e coletiva (que faz juízo aos outros numa categoria que os essencializa). Já a verdade de emoção "se apoia na história pessoal consciente, não consciente e/ou inconsciente daquele que a sente" (CHARAUDEAU, 2009, p.82).

Essa é a verdade que provoca as reações mais intensas em nós. Também é a verdade mais subjetiva, considerando que as emoções são socializadas – logo, essa verdade "precisa então ser confortada, em simultâneo, por efeitos de autoridade e pela explicitação de um sistema de valores sociais" (CHARAUDEAU, 2009, p. 82). Em outras palavras, quando temos uma relação emocional com determinado acontecimento, esperamos que o jornalismo traga fatos e depoimentos que confirmam o que já pensamos sobre o assunto. A verdade de emoção se torna cada vez mais comum à medida que o valor-notícia da dramatização é reforçado com maior frequência.

A partir disso, o autor também teoriza sobre a formação dos nossos imaginários sociais:

De fato, relativamente a acontecimentos dramáticos suscetíveis de afetarem os seres humanos de qualquer cultura, produzem-se sempre fusões entre as verdades de opinião e as verdades de emoção, sendo umas sustentadas pelas outras, alimentando-se todas mutuamente a fim de aumentarem a sua

força de evidência. É disto que estão impregnados os nossos imaginários sociais (CHARAUDEAU, 2009, p. 82).

Se estabelecemos que o jornalismo é responsável pela formação do nosso imaginário sobre os acontecimentos de forma geral, o papel da imprensa no entendimento do público de problemas sociais como a violência doméstica é ainda mais fundamental. Berns (2004) ressalta que analisar o discurso em volta dos problemas sociais não é importante apenas do ponto de vista acadêmico: "Examinar como nós falamos sobre problemas sociais é importante porque isso influencia o que nós fazemos sobre estes problemas – e o que nós não fazemos" (BERNS, 2004, p.10, tradução nossa<sup>5</sup>).

A autora também acredita que é impossível explicar qualquer problema social sem utilizar algum tipo de enquadramento, alinhando-se com a teoria construcionista. É por este motivo que utilizo a análise de conteúdo como metodologia deste trabalho, a fim de entender mais a fundo como a imprensa trata as mulheres vítimas de violência doméstica quando elas são celebridades. Na sequência, tentarei entender como o chamado jornalismo de celebridades constrói as figuras públicas, criando estrelas intocáveis que são retratadas como sendo superdotadas e, ao mesmo tempo, tão parecidas com as pessoas comuns como nós.

### 2.3 Jornalismo de celebridades e as estrelas que são "gente como a gente"

Em maio de 2017, o portal Ego foi extinto pelas Organizações Globo. O espaço concentrava notícias sobre famosos, moda e beleza e sustentava uma média mensal de 13,2 milhões de visitantes únicos multiplataforma, segundo uma nota divulgada pela emissora na época<sup>6</sup>. Em abril do mesmo ano, um novo quadro onde celebridades se vestem como cantores famosos e cantam e dançam rendeu ao Domingão do Faustão sua maior audiência em sete anos segundo o Instituto Brasileiro de Opinião e

---

<sup>5</sup> Texto original: "Investigating how we talk about social problems, or seeing what frames we use, is not simply an academic exercise. Examining how we talk about social problems is important because it influences what we do about those problems – and what we fail to do".

<sup>6</sup> Fonte: Leia e opine: "O fim do ego e o jornalismo de celebridade". Disponível em <<http://www.leiaepine.com.br/2017/04/19/o-fim-do-ego-e-o-jornalismo-de-celebridade/>>. Acesso em 15 nov. 2017.

Estatística (Ibope)<sup>7</sup>. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia<sup>8</sup>, a revista *Caras* está em segundo lugar no ranking das revistas mais lidas em todo o território nacional. Em novembro de 2017, o portal IG publicou uma matéria descrevendo a "disputa acirrada" dos programas de fofoca das três principais emissoras brasileiras (Globo, Record e SBT) durante a faixa de horário da tarde<sup>9</sup>. Trago essas informações para exemplificar a posição de destaque que as celebridades e as especulações sobre suas vidas ocupam no jornalismo, em especial na televisão.

Ligia Lana (2012, p. 190) aponta que o principal elemento do jornalismo de celebridade é a vida privada. Segundo a autora, os posicionamentos do jornalismo de celebridade diante de temas comuns mostram que seus valores sempre remetem às instituições da cultura. Lana (2012) diz que este campo do jornalismo é caracterizado "pela investigação de informações pessoais, algumas vezes noticiadas como rumores, contendo informações falsas e especulações (...) obtidas por flagrante" (2012, p. 179).

O jornalismo de celebridade se constrói principalmente em cima do valor-notícia da notoriedade, citado anteriormente neste trabalho. Sendo assim, ações que seriam consideradas normais se realizadas por uma pessoa comum se tornam importantes quando se trata de pessoas já conhecidas pelo público. Turner defende que é possível mapear o exato momento em que uma figura pública se torna uma celebridade: "acontece quando o interesse da mídia em sua atividade se transfere das notícias sobre seu papel público (como suas conquistas no esporte e na política) para a investigação sobre detalhes de suas vidas privadas" (TURNER apud LANA, 2009, p. 8).

Esse interesse na vida privada de pessoas públicas parece se intensificar ainda mais quando a pessoa em questão é uma mulher. Queremos saber quem elas estão

---

<sup>7</sup> Fonte: Uol: "Com novo quadro de famosos, Faustão tem maior Ibope em sete anos". Disponível em <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-novo-quadro-de-famosos-faustao-tem-maior-ibope-em-sete-anos-14865>>. Acesso em 15 nov. 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em 15 nov. 2017.

<sup>9</sup> Fonte: IG: "Disputa acirrada! Programas de fofoca brigam pela audiência vespertina da TV". Disponível em <<http://gente.ig.com.br/tvenovela/2017-11-16/programas-de-fofoca-tarde.html>>. Acesso em 13 dez. 2017.



namorando, qual a marca das roupas que usam, quanto pesam e a quais procedimentos estéticos se submeteram. Esse tipo particular de interesse que beira a obsessão parte da ideia de termos direito a todas essas informações – uma ideia que o jornalismo ajuda a sustentar e que, simultaneamente, ajuda a sustentar o jornalismo. "Sem as operações do jornalismo, coleta e apuração de informações, organização de narrativa temporal, divulgação de furos e escândalos, não haveria celebridade" (LANA, 2012, p. 177).

Rojek (2008) estabelece três tipos de sujeito celebridade: o primeiro seria a celebridade conferida – pessoas consideradas notáveis praticamente apenas por terem nascido e não necessariamente por terem realizado algum feito extraordinário. Trata-se dos reis, rainhas, príncipes, princesas e até dos filhos, parentes ou namorados de celebridades já estabelecidas. O segundo tipo de celebridade seria a celebridade adquirida, onde as pessoas são "notadamente reconhecidas devido a um talento, conquista, habilidade que as fizeram sair do anonimato" (SILVA, 2016, p. 94). Aqui, podemos citar os cantores, atores, escritores, esportistas, apresentadores e assim por diante.

Por fim, o autor define o conceito de celebridade atribuída, que se refere às celebridades criadas pelo dispositivo midiático. Tanto Rihanna quanto Chris Brown, os sujeitos que protagonizam o objeto de estudo deste trabalho, se encaixam no conceito de celebridade adquirida. A construção do sujeito celebridade foi estudada também por Edgar Morin, em 1984, no seu livro *Cultura de Massas no Século XX: Neurose*. O autor fala dos famosos como Olimpianos, classificando-os como "o produto mais original do novo curso da cultura de massa" (MORIN, 1984, p. 106) e criando uma analogia onde celebridades vivem vidas duplas, sendo metade humanas e metade divinas.

Morin afirma que "os olimpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação" (1984, p. 107). Esta dualidade com que a figura das celebridades é construída aparece quando pessoas famosas são retratadas como o ideal máximo ao qual os meros mortais devem aspirar, elas também precisam transmitir

vulnerabilidade, alguma falha na perfeição, a fim de parecerem mais humanas para que as pessoas possam se identificar com elas. Inseridas neste paradoxo sem fim, as celebridades precisam ser superiores, talentosas e superdotadas ao mesmo tempo que são "gente como a gente":

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideias inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. (MORIN, 1984, p. 106).

O filósofo francês também afirma que o jornalismo é conivente com esta dupla-face das pessoas célebres, ressaltando que a imprensa de massa "ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação" (1984, p. 107).

Na cultura de massa, as celebridades de diversas áreas surgem como novos modelos de conduta, estética, gestos e atitudes, que se convertem em um único modelo global, "o estilo de vida baseado na sedução, no amor, no bem-estar" (MORIN, 1984, p. 108). Ao simbolizar aquilo que Morin chama de os tipos ideais da cultura de massa, as estrelas tomam o lugar dos modelos de vida que tínhamos anteriormente, como pais e educadores. Existem inúmeros exemplos no cotidiano de como a relação intensa entre fã e ídolo pode modificar a vida de alguém: basta olharmos para as pessoas que acampam na fila de shows internacionais por semanas, viajam distâncias consideráveis para ter a chance de ver seu artista favorito ou se emocionam ao falar sobre o impacto da obra de um determinado artista. Logo, não é surpreendente que estes mesmos fãs fiquem em choque e preocupados ao ver uma figura como Rihanna em situação de vulnerabilidade trazida pela violência doméstica.

No geral, o jornalismo de celebridade busca reforçar os pontos em que as celebridades são como nós e exaltar os momentos onde seus privilégios ficam escancarados. Isso não é possível sem investigar suas vidas privadas, alimentando a curiosidade dos leitores e utilizando das técnicas jornalísticas para sustentar aquilo que Silva chama de "intimidade encenada":

Trata-se, em linhas gerais, de uma intimidade constantemente encenada, cuja performance pode estar aliada à necessidade de a celebridade permanecer

em evidência, mediante a (des)construção de uma imagem de si. Não obstante, considerando a heterogeneidade atinente ao sujeito celebridade, convém admitir que esse sujeito não é o mesmo de outrora (...) Quando pensamos em possíveis modificações na forma como esse sujeito relaciona-se consigo mesmo e com os outros, estamos situando nosso dizer no sentido de aventar para a possibilidade de a celebridade desejar parecer com um de nós, sujeitos ordinários do cotidiano, não prescindindo de pinçar tal desejo com as luzes do espetáculo midiático.(SILVA, 2016, p. 96-97).

Morin destaca que os olímpianos estão presentes em todos os setores da cultura de massa. Não é incomum no jornalismo de celebridades que o próprio repórter se torne também uma estrela, já que passa a impressão de ser próximo dos cantores, atores, escritores e de todo tipo de artista que entrevista. Este é o caso de Diane Sawyer, que realiza a entrevista com Rihanna analisada neste trabalho.

Nesse contexto, considero produtivo explorar como o campo do jornalismo de celebridades enquadra as mulheres famosas que decidem se posicionar como feministas ou são pressionadas a se manifestar em assuntos relacionados à desigualdade de gênero. As celebridades mulheres desempenham um papel fundamental na tentativa de provar que "as conquistas femininas deram certo", representando "a mulher que chegou ao topo" (LANA, 2012, p. 182). Essas mulheres que chegaram ao topo, de fato, desfrutam de uma posição bastante privilegiada na sociedade por terem uma plataforma onde podem se expressar com a garantia que o público geral estará prestando atenção.

Ver uma celebridade (e ainda, uma tão poderosa quanto Rihanna) sendo vítima de violência doméstica nos choca. A imagem da cantora que exala glamour e confiança em cima de um palco sendo substituída pela foto policial da mulher ensanguentada deixa escancarado o fato de que nem toda a fama, riqueza e capital social da artista foi suficiente para impedir que ela fosse vítima da mesma violência que afeta mais de 500 mulheres a cada hora no Brasil (segundo o Datafolha<sup>10</sup>).

É por isso que a entrevista de Rihanna para o 20/20 é tão importante do ponto de vista jornalístico: ela mostra um lado da diva pop tão vulnerável que consegue fazer

---

<sup>10</sup> Fonte:

G1: Mais de 500 mulheres são vítimas de agressão física a cada hora no Brasil, aponta Datafolha. Disponível em <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mais-de-500-mulheres-sao-vitimas-de-agressao-fisica-a-cada-hora-no-brasil-aponta-datafolha.ghtml>>. Consultado em 6 de novembro de 2017.

com que as mulheres comuns se identifiquem com ela. Em sua tese de doutorado, Lúcia Lana (2012) também discorre sobre a distorção da vida privada em vida pública que ocorre com as celebridades:

As notícias criam as celebridades, pois tornam um indivíduo estranho, para milhares de pessoas, em alguém familiar. A técnica da familiarização é realizada de maneira bem-sucedida pelo jornalismo, na medida que as notícias, tradicionalmente associadas aos fatos reais do mundo, buscam explorar o verdadeiro *self* da celebridade. Para o historiador [Ponce de Leon], a aproximação com a vida privada potencializa a pretensa imagem familiar e real das celebridades, através da retórica do jornalismo de interesse humano (2012, p. 179).

Outro ponto de vista interessante sobre mulheres que ocupam os holofotes midiáticos e se envolvem em questões feministas é o artigo publicado na Revista Latina de Comunicación Social, chamado *Celebrities, violencia de género y derechos de las mujeres: ¿hacia una transformación del marco de reconocimiento?*. Nele, Fuentes e outras (2016) abordam o papel das celebridades no reconhecimento da pessoa que sofre qualquer tipo de trauma ou violência: "As celebridades se convertem aqui nesse outro em tudo que tenham sofrido. Elas são portadoras do trauma: atuam como sinônimo atual de todas as mulheres que sofrem violência" (FUENTES et. al., 2016, p. ? tradução nossa).

As autoras lembram que, por mais que tentem se identificar com as pessoas comuns, as celebridades costumam se distanciar de tudo o que possa aproximá-las com os tipos de vítimas que provocam menos simpatia da sociedade. Partindo da sua posição de privilégio, as mulheres famosas têm o poder de facilitar o reconhecimento e a conexão das experiências traumáticas às suas dimensões sistêmicas (levando-as para longe da mentalidade dos casos isolados): "Evitamos assim, a identificação das vítimas com as pobres, ou as ignorantes, ou as dependentes economicamente e mostramos a natureza precária da existência humana, sujeita às estruturas que ordenam e hierarquizam de maneira desigual" (FUENTES et. al., 2016, p.? , tradução nossa<sup>11</sup>).

---

<sup>11</sup> Texto original: "Evitamos así, la identificación de las víctimas con las pobres, o las ignorantes, o las dependientes económicamente y ponemos de manifiesto la naturaleza precaria de la existencia humana, sujeta a las estructuras que ordenan y jerarquizan de manera desigual."

Em suma, se posicionar contra problemas sociais como a violência doméstica é uma prática bem-vista entre as celebridades contanto que a aura de superioridade e glamour se mantenha. É importante se solidarizar com as vítimas contanto que elas sejam *o tipo certo de vítima*. "Algumas vítimas são retratadas na mídia como mais 'merecedoras' da nossa simpatia do que outras" (BERNS, 2004, p. 151, tradução nossa<sup>12</sup>). Os fatores sociais que influenciam nossa percepção de quais vítimas merecem mais atenção e definem a maneira como homens e mulheres interagem serão explorados no capítulo a seguir através dos estudos de gênero e raça.

---

<sup>12</sup> Texto original: "Some victims are portrayed in the media as more "worthy" of our sympathy than others. Some victims are depicted as completely innocent, while others are depicted as partially or fully responsible for or deserving of the crime committed against them."

### 3 GÊNERO

A segunda parte deste trabalho abordará a questão da violência contra a mulher, focando na violência doméstica (reconhecida no Brasil através das leis Maria da Penha e do Feminicídio). Para isso, além de me apoiar em dados e estatísticas levantados sobre o assunto a nível mundial, incluindo índices dos Estados Unidos (onde o caso que é objeto deste trabalho ocorreu) e do Brasil, utilizarei a concepção do gênero como categoria de análise histórica (SCOTT, 1985), para que seja possível compreender o lugar que as mulheres ocupam na sociedade hoje como fruto de uma série de construções sociais.

Este trabalho se apoia também na proposta do feminismo interseccional de Kimberle Crenshaw (1993, 2004), para entender como os marcadores sociais da diferença interferem no panorama da violência doméstica e mostrar as lacunas deixadas pelos movimentos feminista e antirracistas no que diz respeito aos direitos, aos interesses e aos desejos das mulheres negras.

#### 3.1 Breve histórico do conceito

Antes de delimitar o conceito de gênero que guiará este estudo, cabe fazer uma breve retomada histórica sobre o movimento feminista, visto que essa definição e todas as mudanças que a afetaram sempre estiveram ligadas ao movimento feminista e sua atuação, tanto nas ruas como na academia. A primeira onda do feminismo (que aconteceu principalmente na Europa e na América do Norte entre o final do século XIX e o início do século XX) priorizava a ideia de "direitos iguais e cidadania" e reivindicava mudanças nas leis diferentes para homens e mulheres, visando à obtenção de direitos sociais e econômicos como o acesso à educação, trabalho remunerado e o direito ao voto, à propriedade e à herança (PEDRO, 2005, apud STOCKER, 2016). Nos anos 1930, a teoria social começa a buscar entender quais são as normas e as regras que traçam e definem os lugares possíveis para mulheres e homens na sociedade – mas o reconhecimento das mulheres como categoria política coletiva surge com mais força a partir da década de 1960, com a chamada segunda onda do feminismo.

Na segunda onda, o foco das feministas era conquistar a igualdade no exercício dos direitos e encontrar maneiras de acabar com a subordinação feminina. Nesse

contexto, nascem perspectivas teóricas para explicar ambas as bandeiras e surgem alguns conceitos que serviram como base fundamental para o pensamento feminista que conhecemos hoje – como mulher, opressão e patriarcado.

Adriana Piscitelli (2009) define “patriarcado” como "um sistema social no qual a diferença social serve como base da opressão e subordinação da mulher pelo homem" (PISCITELLI, 2009, p. 132). A autora reforça que o poder patriarcal atua tanto na esfera pública quanto na privada, podendo ser entendido dentro do âmbito familiar (por exemplo, no poder do pai sobre a esposa e os filhos) e podendo ser expandido para termos políticos, considerando que as mulheres ocupam lugares sociais subordinados em relação aos homens.

A criação desse conceito foi fundamental para o reconhecimento das mulheres como categoria, já que "a opressão patriarcal estabeleceria uma conexão entre todas as mulheres, através do tempo e das culturas" (PISCITELLI, 2009, p. 134). As feministas afirmavam que toda mulher sofria opressão, definindo a opressão de maneira particular e criando a necessidade de prestar a atenção nas experiências femininas. O movimento transformou a experiência pessoal em movimento político, criando o entendimento de que quem poderia classificar algo como opressivo ou não seriam as próprias vítimas dessa opressão: as mulheres.

Segundo elas [as feministas], era necessário prestar atenção às experiências femininas: a opressão incluiria tudo o que as mulheres "experenciasssem" como opressivo. Ao definir o político de tal maneira que acomodasse essa concepção de opressão, toda atividade que perpetuasse a dominação masculina passou a ser considerada como política. Nesse sentido, a política passava a envolver qualquer relação de poder, independentemente de estar ou não relacionada com a esfera pública (PISCITELLI, 2009, p. 134).

A segunda onda trouxe ainda a elaboração do conceito de gênero "por pesquisadoras que procuraram associar a realidade das mulheres em relação à totalidade da cultura e da sociedade e não mais como algo separado" (STOCKER, 2016, p. 27). A distinção entre sexo e gênero foi discutida a partir da obra de Gayle Rubin (1975), que afirma que a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana através do sistema sexo/gênero.

Uma das frases mais célebres sobre a experiência feminina é, sem dúvidas, a clássica de Simone de Beauvoir. Em "O Segundo Sexo" (1949), a autora dizia que "Não se nasce mulher, torna-se". O trabalho de Simone foi considerado revolucionário (e recebeu críticas pesadas da sociedade da época) por ressaltar a importância de enfrentar os aspectos sociais que situavam a mulher numa posição de inferioridade, contemplando temáticas como a iniciação sexual feminina, bem como abordando a vida das mulheres casadas, das lésbicas e das prostitutas.

Na terceira onda, durante a década de 1980, a ideia de identidade da categoria mulher passou a ser contestada pelas mulheres negras, índias, pobres, trabalhadoras e de países em desenvolvimento justamente pela pouca atenção que o movimento feminista dedicava às suas experiências. Por exemplo: enquanto as mulheres brancas europeias reivindicavam o direito de trabalhar, muitas mulheres negras e pobres já haviam passado pela experiência do trabalho forçado no regime escravagista ou em subempregos como única opção de sustento.

Hoje, os estudos de gênero também englobam os impactos de como os papéis sexuais são ensinados e aprendidos na população LGBT: "a discriminação de gênero atinge também homossexuais, transexuais e travestis, sujeitos à violência, a agressões e assassinatos por conta de sua identidade de gênero" (PISCITELLI, 2009, p. 145), já que essas pessoas derivam da norma estabelecida do que é ser homem e o que é ser mulher – seja por simplesmente não ter desejo sexual pelo sexo oposto ou por se apresentar fisicamente de uma maneira que desvia dos padrões binários pré-estabelecidos, entre tantas outras características possíveis que poderiam ser citadas.

Atualmente, parece necessário que os discursos sobre desigualdade e subordinação feminina possam ir além do gênero em si. Se "não se nasce mulher, mas se torna", também é verdade que o processo de construção social e cultural não será o mesmo para todas as mulheres, pois outros fatores como o racismo, por exemplo, redefinem as trajetórias dos sujeitos em questão" (CARDOSO, 2014, p. 973).

Desconstruindo a ideia de que existia apenas uma categoria "mulher" e sim diversos tipos de mulheres com experiências diferentes de vida, "essas mulheres consideravam que seus interesses haviam sido apagados, em favorecimento aos das



feministas brancas de classe médica, e reivindicavam visibilidade" (STOCKER, 2016, p. 27). Stocker (2016) também ressalta que além de questionar o sistema sexo/gênero de Rubin, a terceira onda exige que o gênero comece a ser pensado e considerado como parte de sistemas de diferença onde "as intersecções raciais, de nacionalidade, classe social e idade se entrelaçam com as distinções de feminilidade e masculinidade" (STOCKER, 2016, p. 27).

Em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, Joan Scott (1985) afirma que o uso mais recente do termo "gênero" parece ter surgido entre "as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (SCOTT, 1985, p.3). A autora explica que naquele momento (no final do século XX), a palavra "gender" servia para indicar uma rejeição ao determinismo biológico trazido implicitamente em termos como "sexo" ou "diferença sexual".

Piscitelli afirma que depois que se chegou ao consenso de que a dominação masculina deixou as mulheres de fora da história, da política e até da reflexão teórica, "as pensadoras feministas passaram a revisar as produções disciplinares, perguntando-se como seriam diferentes se a história, a antropologia, a ciência política tivessem considerado relevante levar em conta o 'ponto de vista feminino'" (PISCITELLI, 2009, p.135). Porém, a autora pontua que mesmo que o termo tenha sido inicialmente difundido referindo-se às diferenças e desigualdades que afetam as mulheres, hoje o conceito de gênero exige que pensemos em

como construções de masculinidade e feminilidade são criadas na articulação com outras diferenças, de raça, classe social, nacionalidade, idade; e como essas noções se embaralham e misturam no corpo de todas as pessoas, inclusive aquelas que, como intersexos, travestis e transexuais, não se deixam classificar de maneira linear como apenas homens ou mulheres (PISCITELLI, 2009, p. 146).

Assim, este trabalho adota a concepção teórica pós-estruturalista, que entende o gênero como categoria epistemológica e de análise histórica (SCOTT, 1995), que possibilita compreender como aprendemos a habitar o mundo como homens e mulheres ao longo da história. A definição de Scott (1995, p. 21), que aponta gênero como um "elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças

percebidas entre os sexos e como uma forma primeira de significar as relações de poder", é adequada para compreender tanto o objeto deste trabalho como a sociedade em que vivemos hoje. A autora sustenta que o gênero articula em si os símbolos culturalmente construídos e reproduzidos que determinam o que é ser homem ou mulher, bem como aponta as afirmações normativas que as instituições utilizam para delimitar e diferenciar o que é masculino e feminino. Ele ainda destaca a influência de todos os outros setores da sociedade (como escolas, igrejas, instituições médicas, instituições legais e até as nossas próprias famílias) no processo de significação do gênero e dos binarismos e, por fim, reflete sobre as identidades subjetivas e a relação entre gênero e sexualidade (que aos olhos da sociedade, devem legitimar uma a outra).

### 3.2 Gênero e violência contra a mulher

A Organização Mundial da Saúde<sup>13</sup> estima que 35% das mulheres ao redor do mundo já tenham experienciado violência física ou sexual por parte de um parceiro (ou não parceiro) ao longo de suas vidas. Ainda, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), mulheres que tenham sido abusadas ou agredidas por seus parceiros têm duas vezes mais chance de fazer um aborto, quase duas vezes mais chance de desenvolver depressão e, em algumas regiões, são mais suscetíveis a contrair o HIV, quando comparadas a mulheres que não tiveram experiências com violência doméstica.

Nessa mesma direção, índices do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) apontam que, em todo o mundo, 120 milhões de meninas (quase 1 em cada 10) já sofreram algum tipo de ato sexual forçado, sendo seus ex-maridos, parceiros ou namorados os agressores mais comuns. Além disso, dados da ONU revelam que o

---

<sup>13</sup> Fonte: UN Women. "Facts and figures: Ending violence against women". Disponível em <<http://www.unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures#notes>>. Acesso em 17 nov. 2017.

custo da violência contra as mulheres pode chegar a até 2% do produto interno bruto mundial<sup>14</sup>, o que equivale a aproximadamente 1,5 trilhões de dólares.

Nos Estados Unidos a situação também é alarmante: a cada 9 segundos, uma mulher é agredida no país e mais de 3 mulheres são assassinadas pelos maridos ou namorados<sup>15</sup>. Para se ter ideia da dimensão destes números, podemos comparar o número de soldados estadunidenses mortos no Iraque e no Afeganistão entre 2001 e 2012, que foi de 6.488, com o número de mulheres assassinadas por parceiros ou ex-parceiros<sup>16</sup> no país no mesmo período: 11.766. Um estudo conduzido pelo Center For Disease Control and Prevention (CDC) em 2011 apurou que 4,774 milhões mulheres sofrem violência física de um parceiro íntimo a cada ano nos EUA<sup>17</sup>. A Linha Direta Nacional de Violência Doméstica (The National Domestic Violence Hotline) afirma que a maioria das mulheres vítimas de violência doméstica já haviam sido agredidas pelo mesmo infrator em outras ocasiões – é o caso de 77% das vítimas de 18 a 24 anos, 76% das que tem 25 a 34 anos e 81% das mulheres de 35 a 49 anos.

No Brasil, o Mapa da Violência, publicado em 2015 pela Organização das Nações Unidas em parceria com a Organização Mundial de Saúde e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, **coloca o país como o quinto país com o maior taxa de feminicídios no mundo<sup>18</sup>, com 4,6 homicídios a cada 100 mil habitantes.** Um balanço divulgado pela Central de Atendimento à Mulher no mesmo ano revelou que **58,86% das mulheres vítimas de violência doméstica são**

---

<sup>14</sup> Fonte: ONU MULHERES: "ONU alerta para os custos de violência contra as mulheres no mundo". Disponível em <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-alerta-para-os-custos-da-violencia-contra-as-mulheres-no-mundo/>>. Acesso em 17 nov. 2017.

<sup>15</sup> Fonte: Domestic Violence Statistics. Disponível em <<http://domesticviolencestatistics.org/domestic-violence-statistics/>>. Acesso em 18 nov. 2017.

<sup>16</sup> Fonte: Upworthy, 19 jun. 2012. "Don't Believe The War on Women? Would A Body Count Change Your Mind?". Disponível em <<http://www.upworthy.com/dont-believe-in-the-war-on-women-would-a-body-count-change-your-mind>>. Acesso em 18 nov. 2017.

<sup>17</sup> Fonte: "Prevalence and Characteristics of Sexual Violence, Stalking, and Intimate Partner Violence Victimization" — National Intimate Partner and Sexual Violence Survey, United States, 2011. Disponível em <[https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6308a1.htm?s\\_cid=ss6308a1\\_e](https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6308a1.htm?s_cid=ss6308a1_e)>. Acesso em 18 nov.2017.

<sup>18</sup> Fonte: Huffpost Brasil, 27 de agosto 2017. "Taxa de feminicídios do Brasil é a quinta maior do mundo". Disponível em <[http://www.huffpostbrasil.com/2017/08/27/taxa-de-feminicidios-no-brasil-e-a-quinta-maior-do-mundo\\_a\\_23187246/](http://www.huffpostbrasil.com/2017/08/27/taxa-de-feminicidios-no-brasil-e-a-quinta-maior-do-mundo_a_23187246/)>. Acesso em 17 nov.2017.

**negras**<sup>19</sup>. O diagnóstico dos homicídios realizado pelo Ministério da Justiça brasileiro no mesmo ano afirma que elas também são **68% das mulheres mortas por agressão, tendo duas vezes mais chances de serem assassinadas do que mulheres brancas.**

Segundo pesquisa do Datafolha<sup>20</sup>, uma em cada três mulheres sofreu algum tipo de violência durante o ano de 2016. **A cada hora**, 503 mulheres foram vítimas de agressão física. Das 12 milhões de mulheres consultadas pela pesquisa, 10% haviam sofrido ameaça de violência física, 8% sofreram ofensa sexual, 4% receberam ameaça com faca ou arma de fogo e 3% haviam sido vítimas de espancamento ou tentativa de estrangulamento. Ainda, 1% havia levado pelo menos um tiro.

Outro resultado importante revelado pela pesquisa do Datafolha é o fato de que, entre as mulheres vítimas de violência, apenas 11% procuraram a delegacia da mulher e 13% preferiram o auxílio da família. Porém, a maioria (52%) simplesmente não fez nada. O estudo ainda aponta que na maior parte dos casos (61%), o agressor é alguém conhecido, com 19% das agressões sendo cometidas por atuais companheiros das vítimas e 16% por ex-companheiros.

Ao lançar um olhar voltado para o marcador de raça, os dados apontam que **o índice de homicídios de mulheres negras no Brasil aumentou 22% entre 2005 e 2015 segundo o Atlas da Violência 2017**<sup>21</sup>, enquanto a taxa de assassinatos de mulheres não-negras (brancas, indígenas e amarelas) caiu em 7,4%. Ainda, o índice de negras que **já foram vítimas de agressão** aumentou de **54,8% para 65,3%** entre esses mesmos dez anos<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Fonte: Dossiê Femicídio da Agência Patrícia Galvão, 2015. Disponível em <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/biblioteca/mulheres-negras-e-violencia-no-brasil/>>. Acesso em 17 nov.2017.

<sup>20</sup> Fonte: EXAME, 8 de março de 2017. "Os números da violência contra a mulher no Brasil". Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/#>>. Acesso em 17 nov.2017.

<sup>21</sup> Fonte: Correio Braziliense, 5 de junho de 2017. "Cresce taxa de assassinatos de mulheres negras no país, aponta Ipea". Disponível em <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/06/05/internas\\_polbraeco.600220/cresce-taxa-de-assassinatos-de-mulheres-negras-no-pais-aponta-ipea.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/06/05/internas_polbraeco.600220/cresce-taxa-de-assassinatos-de-mulheres-negras-no-pais-aponta-ipea.shtml)>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

<sup>22</sup> Fonte: Blogueiras Feministas, 7 de agosto de 2017. "11 anos da Lei Maria da Penha. 11 dados recentes da violência contra a mulher no Brasil". Disponível em

Trago esses dados para reforçar não só a importância da discussão da violência contra a mulher em todas as suas formas dentro da produção acadêmica, mas para frisar a necessidade de uma abordagem interseccional no feminismo e nos estudos de gênero. Todas essas informações deixam evidente que a violência doméstica e todas as formas de violência contra a mulher são parte de um problema estrutural e não se tratam de casos isolados. Este trabalho utiliza a definição de violência doméstica pensada pelo movimento feminista e elencada por Berns (2004):

O movimento feminista enquadra a violência doméstica de acordo com as três seguintes suposições: Primeiro, as vítimas não devem ser culpadas pelo abuso que sofrem. Segundo, a violência doméstica é principalmente um problema de homens agredindo mulheres. E por fim, a violência doméstica é um componente de um sistema patriarcal que inclui outras formas de discriminação contra as mulheres (BERNS, 2004, p. 105, tradução nossa<sup>23</sup>).

Os dados apresentados no começo deste subcapítulo deixam claro que a violência sofrida pelas mulheres (seja no Brasil, nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar do mundo) faz parte de um quadro de desigualdades mais amplo. Por isso, não é suficiente apenas analisar esta violência da perspectiva do gênero, mas também levar em consideração noções de masculinidade e feminilidade articuladas a aspectos como classe social e raça, e como elas ajudam a criar e manter essas desigualdades.

A perspectiva feminista de gênero parte do pressuposto que a realidade compartilhada pelas mulheres é diferente daquela que vivem os homens – e atualmente, cada vez mais tem sido ressaltada a necessidade de abordar as diferenças nas realidades entre diferentes mulheres.

Se "o poder opera através de estruturas de dominação múltiplas e fluidas, que se intersectam, posicionando as mulheres em lugares diferentes e em momentos históricos particulares", como afirma Piscitelli (2005, p. 141, apud STOCKER, 2016, p. 27), considero imprescindível para este trabalho olhar a violência através de uma lente interseccional, considerando a importância da raça e da classe na constituição do

---

<http://blogueirasfeministas.com/2017/08/11-anos-da-lei-maria-da-penha-11-dados-recentes-da-violencia-contra-a-mulher-no-brasil/>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

<sup>23</sup> Texto original: "The feminist movement frames domestic violence with the following three assumptions: First, victims should not be blamed for the abuse they receive. Second, domestic violence is mainly a problem of men abusing women. And finally, domestic violence is one component of a patriarchal system that includes other forms of discrimination against women."

caso que escolhi como objeto de estudo. É esse o tema do próximo subcapítulo, baseado nos ensinamentos de Kimberle Crenshaw e Stuart Hall sobre os marcadores sociais da diferença, sendo a atenção desta monografia voltada principalmente para o marcador de raça.

### 3.3 Interseccionalidade e os marcadores sociais da diferença

Stuart Hall define a raça como "um dos principais conceitos que organiza os grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas" (HALL, 1995, online). O autor classifica a raça como uma categoria discursiva, afirmando que é necessário reconhecer que "todas as tentativas de fundamentar esse conceito na ciência, localizando as diferenças entre as raças no terreno da ciência biológica ou genética, se mostraram insustentáveis" (HALL, 1995, online).

Para Hall (1995), definição de raça mais completa baseia-se em aspectos sócio-históricos e culturais – ou como o próprio autor coloca, tratando a raça como um significante e um conceito discursivo:

Apenas quando essas diferenças [entre raças] foram organizadas dentro da linguagem, dentro do discurso, dentro dos sistemas de sentido, é que podemos dizer que as diferenças adquiriram sentido e se tornaram fatores da cultura humana e da regulação de condutas — essa é a natureza do que estou chamando de conceito discursivo de raça. Não é que as diferenças não existam, mas sim que o que importa são os sistemas que utilizamos para dar sentido a elas, para tornar as sociedades humanas inteligíveis; os sistemas que cortejamos com as diferenças, a forma como organizamos essas diferenças em sistemas de sentido com os quais, de alguma maneira, fazemos com que o mundo nos seja inteligível (HALL, 1995, online).

O pensamento de Hall é replicado por Claudia Cardoso, que cita o sociólogo quando ele enquadra o estereótipo como uma prática significativa na representação da diferença racial. A autora afirma ainda que os estereótipos cumprem sua função de rebaixar uma parcela da humanidade, "transformando particularidades em marcas naturalizadas, essencializadas, em justificativas para as diferenciações sociais, para o controle e a dominação daquelas/es que foram assinaladas/os pelas representações negativas" (CARDOSO, 2014, p. 978).

O racismo se manifesta inúmeras vezes no nosso cotidiano, de diversas formas e em diferentes intensidades, que vão desde a violência psicológica de um comentário

ofensivo até a violência policial que afeta a população negra de maneira completamente desproporcional. Lia Schuchman (2010, p. 44) considera como racismo todo e qualquer tipo de fenômeno que justifique dominação, as preferências, diferenças, privilégios, hierarquias e desigualdades simbólicas entre seres humanos baseadas na ideia da raça. A autora afirma que mesmo que não haja uma definição biológica de raça propriamente dita,

o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à raça significa legitimar diferenças sociais a partir da naturalização e essencialização da ideia falaciosa de diferenças biológicas que, dentro da lógica brasileira, se manifesta pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais (SCHUCHMAN, 2010, p. 44).

Schuchman acrescenta que o racismo brasileiro tem a particularidade de ser sutil e velado, buscando sustentar o mito de um país mestiço, onde se vive numa democracia racial e brancos e negros têm acesso às mesmas oportunidades e aos mesmos direitos – o que não poderia ser mais distante da realidade. De acordo com os dados levantados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) juntamente com o Fórum Brasileiro de Segurança para o Atlas da Violência 2017<sup>24</sup>, os jovens negros de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no Brasil: a cada **100 pessoas assassinadas no país, 71 são negras**.

Descontando o efeito da idade, escolaridade, do sexo, do estado civil e bairro de residência, a população negra tem chances 23,5% maiores de ser assassinada em relação aos brasileiros de outras raças. Uma mulher negra com diploma de graduação recebe 43% do salário de um homem branco com a mesma escolaridade no Brasil. Essa informação foi divulgada pelo estudo *O Desafio da Inclusão*<sup>25</sup>, que revelou que, entre os trabalhadores com ensino superior completo, as mulheres negras têm a menor renda.

---

<sup>24</sup> Fonte: Carta Capital. "Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil", 20 de novembro de 2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>>. Acesso em 20 nov. 2017.

<sup>25</sup> Fonte: Huffpost Brasil. "Mulher negra graduada no Brasil recebe 43% do salário de homem branco". Disponível em <[http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco\\_a\\_23279872/](http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco_a_23279872/)>. Acesso em 19 nov. 2017.

Esses dados ilustram com clareza a necessidade urgente de entendermos como gênero, raça e classe influenciam na construção do que é ser mulher – e como eles tornam uma mulher mais ou menos suscetível a sofrer qualquer tipo de violência, já que racismo e patriarcado são intimamente ligados.

Cardoso (2014) define o "tornar-se negra" como um processo não só de construção de realidades mas também de resistência política que é baseado "na recusa de se deixar definir pelo olhar do outro e no rompimento com o embranquecimento", buscando "a autodefinição, a valorização e a recuperação da história e do legado cultural negro, traduzindo um posicionamento político de estar no mundo para exercer o papel de protagonista de um devir histórico comprometido com o enfrentamento do racismo" (CARDOSO, 2014, p. 973).

Essa ideia também aparece na obra de Schucman (2010), que afirma que a classificação racial é definitiva na maneira como as pessoas tratam umas às outras. Assim, a classificação racial feita por terceiros se torna crucial no que diz respeito à desigualdade racial e à discriminação. Em seus estudos, a pesquisadora ainda discorre sobre como a construção do que é negritude ocorre de maneiras múltiplas e plurais através dos próprios sujeitos negros, que "podem reivindicar essa identidade tanto pelo viés de uma valorização da afro-descendência quanto por uma produção cultural de etnicidade ligada à ideia de diáspora africana, e também politicamente através da luta anti-racista" (SCHUCMAN, 2010, p. 49).

Robyn Rihanna Fenty é uma mulher negra nascida em Barbados, que se mudou para os Estados Unidos como imigrante. Chris Brown é um homem negro americano, nascido na pequena cidade de Tappahanock, no estado da Virginia. Ambos presenciaram episódios de violência doméstica nas suas próprias casas durante a infância – e essas informações são fundamentais para entender o lugar dos dois na sociedade. O terceiro relatório da Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher<sup>26</sup> aponta que 40% das mulheres que

---

<sup>26</sup> Fonte: Agência UFC, 21 de novembro de 2017: "Crianças expostas a violência doméstica tem maior chance de sofrer violência do mesmo tipo quando adultas". Disponível em <<http://www.agencia.ufc.br/criancas-expostas-a-violencia-domestica-tem-chance-maior-de-sofrer-violencia-do-mesmo-tipo-quando-adultas>>. Acesso em 26 nov.2017.



presenciam violência doméstica em casa durante a infância sofreram o mesmo tipo de agressão na vida adulta – e o mesmo percentual se repete quando olhamos para os homens: 4 em cada 10 dos que vieram a agredir suas parcerias haviam crescido em um lar violento. Esse fenômeno é chamado de "transmissão intergeracional de violência doméstica".

Nancy Berns (2004) enfatiza que "pessoas que agredem outras pessoas não costumam parecer violentas. Nós não conseguimos distingui-las numa multidão. Elas são as pessoas comuns que moram e trabalham conosco" (2004, p. 163). A autora chama a atenção para o fato de que o retrato feito pela mídia de agressores em geral influencia quem nós conseguimos conceber como violento:

Nós esperamos que algumas pessoas sejam violentas porque temos imagens na nossa cabeça de "pessoas violentas". Nós vemos imagens midiáticas sobre violência; os abusadores, estupradores e assassinos raramente são retratados como o cara da casa ao lado. Eles são geralmente retratados como malignos e dramatizados como "vilões" (BERNS, 2004, p. 163, tradução nossa<sup>27</sup>).

O feminismo interseccional se baseia na premissa de que não se pode dissociar os estudos de gênero do papel que a raça tem na construção da masculinidade e da feminilidade. A americana Kimberlé Crenshaw (1993) foi pioneira na definição do conceito de interseccionalidade, e no seu artigo *Mapping the margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*, ela analisa a relação entre o racismo e o patriarcado, afirmando que eles estão ligados "na medida em que o racismo nega aos homens de cor o poder e o privilégio de que os homens dominantes gozam" (CRENSHAW, 1993, p. 1258).

A advogada e autora ainda traz a ideia de que "parece contraproducente abraçar as construções que implicitamente ligam a solução para a violência doméstica com a aquisição de um poder masculino maior" (CRENSHAW, 1993, p. 1258) quando

---

<sup>27</sup> Texto original: "People who abuse others do not usually look violent. We cannot pick them out in a crowd. They are everyday people who live and work with us. However, we expect some people to be violent because we have images in our head about "violent people". We see media images about violence; the abusers, rapists, and murderers are rarely portrayed as the guy next door. They are usually portrayed as evil and dramatized as the "bad guy"."

entendemos a violência como um chique ou um escândalo dos homens que têm seu poder masculino negado em outras esferas.

Ainda que no discurso acadêmico exista uma maior consciência de que a violência é uma questão de poder, as representações que a cultura de massa oferece muitas vezes pintam a violência como algo inerente a certos grupos – principalmente homens negros. A masculinidade negra é inevitavelmente construída dentro desse contexto, onde cada imagem de violência que construímos e vemos faz parte de uma teia maior e os homens negros são estereotipados como violentos, agressivos e perigosos:

É verdade que representações da violência negra – seja estatística ou ficcional – são frequentemente inscritas dentro de um roteiro maior que constantemente retrata pessoas negras e outras comunidades de minorias como patologicamente violentas. O problema, no entanto, não é tanto o retrato da violência em si, mas a ausência de outras narrativas e imagens retratando um leque mais amplo de experiência negra (CRENSHAW, 1993, p. 1256).

Cardoso (2014) argumenta que a construção de gênero do homem negro ocorre reconfigurada por raça, visto que "fornece uma dimensão que dificulta o enquadramento total deste sujeito na categoria *homem*, considerando a atuação definida pela sociedade dominante" (CARDOSO, 2014, p. 980). A autora conclui que "a reafirmação e o exercício de sua masculinidade, na perspectiva da sociedade ocidental branca, em última instância, ocorrerão pela opressão da mulher negra" (2014, p. 980-981).

Na nossa sociedade patriarcal e racista, todas as identidades são construídas a partir do homem branco. Schucman (2010) relembra que, historicamente, o racismo sempre priorizou colocar os brancos no lugar de representantes de uma humanidade desracializada, sendo o próprio retrato dos valores neutros e transparentes. Frantz Fanon diz: "O branco quer o mundo; ele o quer só pra si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo. Ele o submete, estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação" (2008, p. 117).

O branco é visto como a norma, como um sujeito que não tem raça e cor como parte de sua individualidade. "Já o negro é percebido e significado como portador de raça – ou seja, é "o outro" racializado, representante de toda uma coletividade de

sujeitos racializados em que tanto "raça" quanto "cor" fazem parte de suas experiências cotidianas" (SCHUCMAN, 2010, p. 45). Resumidamente: um erro cometido por uma pessoa branca diz respeito apenas àquela pessoa, pois ela tem sua individualidade preservada e reconhecida. Já um erro cometido por uma pessoa negra soma ao discurso sobre todas as pessoas negras, que são homogeneizadas e têm suas características individuais e diferenças negadas e apagadas pelo racismo, como afirma Fanon: "Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais" (2008, p. 105).

Outro momento em que a raça e a cultura podem contribuir de outras maneiras para a omissão da violência doméstica é ressaltado por Crenshaw (1993), que argumenta que mulheres de cor muitas vezes hesitam em chamar a polícia devido à resistência geral das comunidades não-brancas a uma força policial que as trata frequentemente com hostilidade. A autora ainda menciona uma ética comunitária onde a vida privada pode ser livre dos diversos ataques que as pessoas negras sofrem em suas vidas públicas como um grupo racialmente subordinado: "O lar não é simplesmente o castelo do homem no sentido patriarcal, mas também pode funcionar como um porto seguro das indignidades da vida numa sociedade racista" (CRENSHAW, 1993, p. 1257).

Fanon (2008) afirma que enquanto estiver em casa, o negro não precisará confirmar seu ser diante de um outro. Crenshaw (1993) acrescenta que se não fosse por este dito porto seguro, muitas mulheres de cor vítimas de violência doméstica teriam mais facilidade em procurar ajuda.

Podemos afirmar que o movimento feminista falha em apoiar a luta contra o racismo – e também que o movimento antirracista ainda não prioriza o espaço, as demandas e as necessidades das mulheres negras como deveria. A autora aponta que admitir o fracasso em reconhecer as dinâmicas interseccionais "pode ir longe no caminho para explicar os altos níveis de fracasso, frustração e esgotamento experienciado por conselheiros que tentam atender às necessidades de vítimas [de violência doméstica] mulheres que fazem parte de minorias" (CRENSHAW, 1993, p. 1251) que sofrem tanto com os efeitos da subordinação múltipla (de gênero, de raça,

de classe) como com a expectativas institucionais de uma sociedade que constantemente ignora seu sofrimento:

Ainda que a retórica de ambas as agendas formalmente incluía mulheres negras, o racismo geralmente não é problematizado no feminismo, e o sexismo não é problematizado nos discursos antirracistas. Consequentemente, o sofrimento das mulheres negras é renegado a uma importância secundária: as primeiras beneficiárias de políticas apoiadas pelas feministas e outras pessoas preocupadas com o estupro tendem a ser mulheres brancas; os primeiros beneficiários da preocupação da comunidade negra com o racismo e estupro, homens negros. (CRENSHAW, 1993, p. 1269).

Stuart Hall (1996) diz que o corpo é um texto e somos todos leitores dele. Falando do sistema de classificação de diferenças, o autor afirma que inspecionamos este corpo quase como críticos literários. Para entender as nuances dos marcadores sociais da diferença, é preciso encarar raça e gênero como fenômenos discursivos. Por isso, o próximo capítulo utilizará a metodologia da análise de discurso para entender os sentidos produzidos pelos jornalistas envolvidos na cobertura do caso de violência doméstica entre Rihanna e Chris Brown em fevereiro de 2009.

## 4 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO JORNALISMO DE CELEBRIDADES: ANÁLISE DO CASO RIHANNA

Neste capítulo, apresentarei as análises e considerações sobre o objeto da pesquisa, apontando os núcleos de sentido e paráfrases presentes nas perguntas realizadas pela repórter Diane Sawyer na entrevista concedida por Rihanna ao 20/20 no dia 6 de novembro de 2009. Para isso, antes é necessário justificar o emprego da Análise de Discurso como metodologia neste trabalho e explicar como foi realizada a coleta do material e os procedimentos que antecederam a análise em si – além de fornecer contextualizações a respeito da carreira da cantora e da relevância do programa selecionado no cenário midiático dos Estados Unidos.

### 4.1 Mulher, negra, imigrante, sex symbol, celebridade: quem é Rihanna?

Robyn Rihanna Fenty (conhecida apenas como Rihanna) é uma cantora nascida em Barbados que atingiu extrema popularidade nos Estados Unidos e no mundo em 2007 com o hit *Umbrella*. Na aba "vida pessoal" da página dedicada a ela na Wikipédia, o cancelamento da performance na 51ª edição dos Grammy Awards em 2009 depois da agressão cometida por Chris Brown é a primeira informação a ser citada. Mas, para entender esse episódio e a importância de Rihanna como figura pública, é preciso contextualizar a sua carreira e ressaltar alguns dos momentos que a tornaram uma artista tão relevante na cultura pop.

Em 2005, Rihanna lançou seu primeiro álbum, *Music Of The Sun*, que serviu como apresentação ao público e abriu caminho para o sucesso de *A Girl Like Me*, álbum lançado no ano seguinte e que ficou no top 10 do *ranking* estadunidense Billboard 200. Já em 2007, a cantora assumiu o controle criativo, reinventando a sua sonoridade e estabelecendo sua imagem pública como *sex symbol* para o terceiro disco da carreira: *Good Girl Gone Bad*.

Foi aí que surgiu *Umbrella*, a faixa que transformou Rihanna numa celebridade de alcance internacional e entrou na lista dos singles que mais venderam em todos os tempos (ao lado de outras dez faixas assinadas pela cantora). Com mais de 230 milhões de discos vendidos ao longo da carreira, a cantora barbadiana é uma das cantoras pop com maior sucesso comercial de todos os tempos, além de ser a artista

solo mais jovem a ter 14 singles no topo do Hot 100 da Billboard (*ranking* que mede a popularidade dos lançamentos da indústria musical através de vendas físicas, digitais e reproduções em *streaming*).

Além de receber oito Grammys e tantos outros prêmios e homenagens, Rihanna foi escolhida pela *Forbes* como a quarta celebridade mais poderosa de 2012 e apareceu na lista da revista *TIME* das 100 pessoas mais influentes do mesmo ano. Em fevereiro de 2017, a cantora recebeu o *Humanitarian Award* na Universidade de Harvard pelas suas obras de caridade: a construção de um centro de oncologia e medicina nuclear no Queen Elizabeth Hospital em Bridgetown, Barbados (sua cidade natal) para auxiliar no tratamento e diagnóstico do câncer de mama; em 2012, a fundação da *Clara Lionel Foundation Global Scholarship Program*, uma bolsa de estudos sem fins lucrativos para estudantes universitários nos Estados Unidos que sejam nascidos no Caribe; e o apoio ao acesso à educação através da *Global Partnership for Education* e do *Global Citizen Project*, que atua em mais de 60 países em desenvolvimento para garantir que as crianças tenham acesso ao ensino mesmo estando em situação de vulnerabilidade social, com foco especialmente nas meninas.

**Figura 1** – Rihanna e Chris Brown na festa pré-Grammy, horas antes da agressão



Fonte: Reprodução Wire Image

Em fevereiro de 2009, a cantora teve que cancelar sua performance no Grammy após ser agredida pelo então namorado Chris Brown (um cantor tão famoso e relevante na indústria musical quanto ela). Aos 20 anos, a artista tinha suas músicas tocando em todas as rádios e seu rosto em todas as sites de notícias, revistas, jornais e programas de televisão. Depois do episódio de violência doméstica, esse mesmo rosto apareceu desfigurado nos mesmos veículos que a nomeavam como uma das artistas mais relevantes da década, que elogiavam seus álbuns e resenhavam seus shows.

**Figura 2** – Foto da polícia tirada logo após a ocorrência, vazada pelo portal TMZ



Fonte: Reprodução TMZ

Até o surgimento da foto da Figura 2, a única informação que o público tinha era o cancelamento da performance de Rihanna e a notícia de que Chris Brown teria se entregado para a polícia, sendo preso após suspeitas de "ameaças criminosas". O tabloide TMZ vazou uma foto tirada pela polícia logo após o ocorrido. A severidade dos ferimentos era tanta que houve matérias hesitantes em confirmar que se tratava, de fato, do rosto de Rihanna.

O vazamento da imagem chocante deu início a um circo midiático de boatos, fofocas, suposições e perseguição. Todos queriam saber tudo sobre o caso, e a cantora havia sido orientada pelas autoridades a não se pronunciar. Chris, por sua vez, fez um comunicado dizendo que se arrependia profundamente pelo incidente sem dizer exatamente do que se tratava. A primeira vez em que Robyn Rihanna Fenty falou sobre o que aconteceu, no dia 8 de fevereiro de 2009, foi numa entrevista exclusiva concedida ao programa 20/20, da emissora ABC, em novembro daquele mesmo ano.

#### 4.1.1 Programa 20/20 e a jornalista Diane Sawyer

O primeiro episódio do 20/20 foi ao ar no dia 6 de junho 1978. Desde lá, o programa é um clássico das noites de sexta-feira na emissora ABC, atualmente transmitido às 22h e com duração em torno de uma hora. Na última temporada (de número 39), o programa teve uma média de 4 milhões e 161 mil telespectadores por episódio<sup>28</sup>. Estas informações são essenciais para entender o perfil do 20/20. No início, o programa surgiu para competir com o 60 Minutes (da emissora concorrente, NBS) no nicho das reportagens aprofundadas, porém, ao longo dos anos, seu foco se direcionou mais às matérias de interesses humanos (ou *soft news*) do que às pautas de política.

Ao longo dos seus 40 anos de história, o 20/20 já teve uma série de âncoras. Elizabeth Vargas, que comanda a bancada desde 2000, foi a primeira mulher a ancorar um telejornal noturno nos Estados Unidos desde Connie Chung (que entrou na concorrente CBS em 1993), e também é a primeira âncora dos programas noturnos de descendência porto-riquenha e irlandesa-americana.

Diane Sawyer, a repórter que entrevista Rihanna no programa analisado neste trabalho, também foi âncora do 20/20, no período de 1998 a 2000 ao lado de Barbara Walters. Diane é conhecida pelas entrevistas de alto escalão, com celebridades de extrema relevância. Já atuou na Casa Branca como parte do gabinete de imprensa do presidente Richard Nixon, inclusive sendo cotada como um possível nome por trás do

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://tvseriesfinale.com/tv-show/2020-season-40-ratings/>>. Acesso em 26 nov. 2017.



Garganta Profunda (fonte anônima que revelou o escândalo Watergate para o jornalista Bob Woodward), fato que depois foi desmentido quando William Mark Felt, diretor associado do FBI, foi identificado como a fonte.

Diane também foi a primeira pessoa a noticiar a queda do World Trade Center em 11 de setembro de 2001. Estes marcos na carreira da jornalista deixam clara a sua importância na mídia americana e justificam a sua escolha como repórter na entrevista com Rihanna.

A audiência do 20/20 sempre foi expressiva. Na temporada de 2008 a 2009, a média de telespectadores foi de 7 milhões por episódio<sup>29</sup>. De 2009 a 2010, essa média caiu para 6,3 milhões<sup>30</sup>. Além disso, é importante ressaltar que depois da entrevista com Rihanna, as ligações para o serviço de atendimento emergencial para vítimas de violência doméstica nos Estados Unidos (National Domestic Violence Hotline) cresceu em 59%. No programa em que a cantora detalha sua experiência como vítima, o número de telespectadores chegou a 8,2 milhões<sup>31</sup> - a maior audiência em sete meses. Outro dado importante: 3,4 milhões desses telespectadores começaram a assistir o programa depois do início do episódio.

#### 4.1.2 *Timeline do caso*

Visto que é necessário localizar o leitor na progressão do caso, aqui apresentamos a *timeline* com os principais acontecimentos que o marcaram, desde o momento em que surgiram as suspeitas de que a agressão teria acontecido até a divulgação do boletim de ocorrência:

- **8 de fevereiro de 2009:** Rihanna cancela apresentação no Grammy;

<sup>29</sup> Fonte: ABC Medianet. May 19, 2009. Archived from [the original](#) on June 23, 2009. Retrieved September 20, 2012. Disponível em <[https://web.archive.org/web/20090623063544/http://abcmedianet.com/web/dnr/dispDNR.aspx?id=051909\\_05](https://web.archive.org/web/20090623063544/http://abcmedianet.com/web/dnr/dispDNR.aspx?id=051909_05)> Acesso em set. 2017.

<sup>30</sup> Fonte: "Final 2009-10 Broadcast Primetime Show Average Viewership". *TV by the Numbers*. Zap2It. June 16, 2010. Archived from [the original](#) on August 21, 2014. Retrieved September 20, 2012. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20140821034701/http://tvbythenumbers.zap2it.com/2010/06/16/final-2009-10-broadcast-primetime-show-average-viewership/54336/>>. Acesso em set. 2017.

<sup>31</sup> Dados disponíveis em: <<http://nypost.com/2009/11/09/dianes-celeb-swan-song/>>. Acesso em set. 2017.

- **8 de fevereiro de 2009:** Chris Brown é preso e surgem relatos de que ele teria agredido a namorada
- **15 de fevereiro de 2009:** Chris Brown faz um pronunciamento onde se diz extremamente arrependido;
- **20 de fevereiro de 2009:** TMZ vaza foto do rosto de Rihanna desfigurado;
- **5 de março de 2009:** Chris Brown é acusado de agressão;
- **22 de junho de 2009:** Rihanna depõe em uma audiência preliminar sobre o caso num tribunal de Los Angeles;
- **22 de junho de 2009:** Chris Brown se declara culpado e é estabelecida uma medida de restrição que o obriga a ficar a 46m de distância da cantora (exceto em eventos públicos, nos quais deveria ficar a 10m de distância) pelos próximos 5 anos; ter 5 anos de probação, 1,400 horas de serviço comunitário e aulas obrigatórias sobre violência doméstica;
- **maio de 2009:** fotos nuas da cantora são vazadas online;
- **agosto de 2009:** Chris Brown dá entrevista ao Larry King e diz que ainda ama Rihanna;
- **novembro de 2009:** Rihanna conta detalhes do caso em entrevista ao 20/20;
- **dezembro de 2009:** Chris Brown responde à fala de Rihanna no 20/20;
- **22 de fevereiro de 2010:** Medida de restrição estabelecida em fevereiro é retirada e substituída por uma medida de "nível 1" (que significa que eles podem ter contato se Chris não incomodar, assediar ou molestar Rihanna);
- **17 de fevereiro de 2012:** Boletim de ocorrência vem a público.

#### 4.2. Análise de Discurso

Para realizar este trabalho, parto do princípio de que nenhum discurso consegue ser completamente neutro ou isento. Escolhi a análise de discurso como metodologia por acreditar que ela é a melhor maneira de entender o enquadramento jornalístico e como este molda nossas percepções sobre os acontecimentos – em especial quando tratamos de problemas sociais como a violência doméstica.

O entendimento de que a linguagem é opaca é fundamental para entendermos melhor o funcionamento do discurso jornalístico. A linguagem tem um funcionamento "profundamente complexo, ideológico e enraizado na história – uma história que é de conflito, luta, divergência e dominação" (BENETTI, 2016, p. 239). O jornalismo tenta, constantemente, apresentar o discurso como algo objetivo e imparcial, ignorando sua natureza histórica e social, como se houvesse um sentido não produzido por quem enuncia e interpreta. Como explica Benetti, "o essencial é compreender esta dinâmica em que o sujeito é descentrado, dividido e integrado ao funcionamento dos processos discursivos. O dizer se dá por meio do sujeito, mas não tem origem nele, propriamente" (2016, p. 239).

É importante lembrar que estes sentidos sempre aparecem na narrativa jornalística como uma reprodução dos pontos consensuais, estereótipos, mapas de significado e informações do senso comum que já estejam presentes na sociedade. Tal como afirma Schudson (2010): "As notícias se prestam, principalmente, a criar para os leitores experiências de satisfação estética que os ajudem a interpretar suas próprias vidas e relacioná-las à nação, cidade ou classe a que pertencem" (SCHUDSON, 2010, p. 108).

Em *Análise de discurso no jornalismo: estudos e vozes e sentidos*, Marcia Benetti (2007) explica que o jornalismo deve ser compreendido como um lugar de circulação e produção de sentidos; um discurso dialógico, polifônico, opaco, elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares. Ao mesmo tempo, ele deve ser encarado como um modo de conhecimento que simultaneamente produz um conhecimento particular sobre os fatos do mundo e reproduz o conhecimento gerado por outros atores (2007, p. 109). A autora ainda reafirma que ao analisar qualquer

discurso, é preciso visualizar a estrutura do texto compreendendo que esta vem de fora, afinal, “o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior. O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (BENETTI, 2007, p. 111). Precisamos ainda considerar que o leitor tem toda uma existência anterior ao momento em que começa a leitura. Suas preferências, gostos, crenças, ideologias e experiências pessoais desempenham um papel na sua interpretação, que também é condicionada a partir da sua bagagem política, religiosa e imaginária. Stuart Hall já dizia que os seres humanos são “seres interpretativos, instituidores de sentido” (HALL, 1997, p. 15). Como afirma a autora:

quem enuncia o faz de uma posição de sujeito, enuncia para alguém e sobre algo. É a partir da posição de sujeito que ocupa que ele pergunta, sobre si: “Quem sou eu pra lhe falar assim?”. E sobre o destinatário: “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”. E sobre aquilo que fala: “De que lhe falo assim?” (BENETTI, 2016, p. 237).

A autora explica que precisamos considerar que o interlocutor não só se posiciona para interpretar um texto, como também não é totalmente livre na sua interpretação uma vez que ocupa uma certa posição de sujeito nesse processo. Da mesma forma, seria ingênuo assumir que o analista de discurso também não imprime algum sentido, mesmo que involuntariamente, sobre seu objeto. Por isso, considero imprescindível deixar claro que analiso o caso Rihanna da perspectiva de uma mulher branca, jovem, heterossexual, cisgênera e de classe média. Estes marcadores são parte de mim, assim como os de mulher, negra e imigrante são parte de Rihanna.

A exemplo do que fazem Stocker e Dalmaso (2016) na análise dos comentários no artigo *Jornalismo, gênero e disputa de sentidos: a naturalização da 'cultura do estupro' no discurso dos leitores do Diário Gaúcho*, proponho analisar a entrevista realizada com Rihanna pelo programa 20/20 por meio da análise de discurso, observando as paráfrases presentes nas perguntas da repórter Diane Sawyer. O conceito de paráfrase é muito importante na análise de discurso, e consiste dos processos onde o mesmo sentido se repete de formas diferentes, já que “todo discurso se constrói na tensão entre o retorno ao mesmo e a busca do diferente” (ORLANDI apud STOCKER; DALMASO, 2016, p. 681).

Benetti (2007) define os núcleos de sentido como derivados das formações discursivas, que por sua vez são como "regiões de sentidos", onde o limite interpretativo exclui o que invalidaria o sentido em questão (formando uma nova formação discursiva): "Assim, existem tantas formações discursivas quanto sentidos nucleares pudermos encontrar de um texto" (BENETTI, 2007, p. 112). Por meio da identificação dos sentidos mais prevalentes e do mapeamento dos sentidos que mais se repetem (as paráfrases), foram encontrados quatro núcleos de sentido principais, que serão analisados em seguida: 1) culpabilização/responsabilização da vítima, 2) mito do amor romântico, 3) sensacionalismo e 4) glamourização da vítima.

#### 4.3 "Eu sou forte. Isso aconteceu *comigo*": Análise da entrevista

A primeira decisão relativa ao objeto de estudo desta monografia foi a escolha por analisar a entrevista concedida por Rihanna ao programa 20/20. O caso teve uma cobertura extensa e intensa de diversos campos do jornalismo americano, internacional e nacional, entre notícias, boatos e artigos de opinião. Porém, a entrevista veiculada em novembro de 2009 pela ABC abriu espaço para que a cantora falasse por si mesma sobre o assunto diretamente ao público. Essa foi a primeira entrevista concedida por Rihanna para falar sobre o caso, o que gerou muita expectativa e também enorme audiência do programa, como já mencionado.

Depois de selecionado o objeto, realizei a decupagem e traduzi a entrevista escolhida (ANEXO I). Num segundo momento, li e reli a transcrição buscando observar as perguntas realizadas pela jornalista à Rihanna, atenta também a outros elementos, como a entonação de voz exibição de imagens e trilha sonora. Por último, procurei estabelecer núcleos de sentido a partir das paráfrases presentes na fala da jornalista, que estão numeradas como [SD 000, SD 001] de acordo com a ordem em que aparecem ao longo da entrevista, como apresentarei a seguir:

##### 4.3.1 Culpabilização da vítima

Nancy Berns (2004), que estuda o enquadramento dado pela mídia ao problema social da violência doméstica, explica que o jornalismo geralmente trata a questão dentro de diversas perspectivas, entre elas a de empoderamento da vítima, a

cultura/estrutural, a integracional e a antifeminista. A perspectiva sob o escopo da monografia trabalha com o empoderamento da vítima, que trata o poder como uma escolha pessoal, responsabiliza a vítima por terminar com o abuso e a retrata como uma heroína – mas apenas se ela for capaz de resolver seu problema. Berns (2004) ainda explica que esse enquadramento tende a deixar implícito que as vítimas poderiam prevenir abusos e agressões simplesmente por estarem atentas aos sinais de um parceiro violento. Esses sinais nunca são discutidos do ponto de vista de como ajudar potenciais agressores a corrigir seu comportamento, e apenas no sentido de responsabilizar a vítima pelo seu próprio abuso, dizendo que ela poderia ter tomado medidas para evitar que ele acontecesse.

O núcleo de sentido da culpabilização da vítima se encaixa nessa perspectiva, e já está presente logo na abertura do programa. A âncora Elizabeth Vargas abre o episódio dizendo que já fizeram "tantas histórias sobre abuso, e hoje, mais uma", desta vez sob um holofote enorme.

[SD001] Por mais desconcertante que seja o motivo que faz as pessoas em casamentos abusivos ficarem, é ainda mais confuso fazer isso quando você está namorando, quando você é jovem e é livre e pode fazer suas próprias escolhas. Hoje à noite, todas essas coisas abordadas por

[SD002] uma mulher que é uma mega estrela.

Nessas duas sequências discursivas, [SD001] e [SD002], a narrativa da jornalista ignora os fatores estruturais, culturais e sociais que impedem que uma vítima de violência doméstica se divorcie, saia de casa ou apenas se distancie do agressor – além de não mencionar os laços psicológicos complicados que se formam quando alguém é agredido por um parceiro. O texto parte do senso comum de que a violência doméstica é um problema que afeta somente mulheres casadas – sem realizar o levantamento de nenhum dado que comprove esta hipótese. Ainda, o texto frisa a fama de Rihanna como um fator importante para a reportagem, mostrando que até celebridades, com toda a sua fama, dinheiro e glamour, podem ser vítimas de

violência doméstica. A culpabilização da vítima é evidenciada ao longo do programa em diversos momentos, como se pode verificar nas sequências discursivas a seguir:

[SD014] **Diane [OFF]:** Ela diz que ela e Brown estava no carro, a caminho de casa depois daquela festa do Grammy. E nos próximos 30 minutos, foi isso que aconteceu: **ela viu uma mensagem no celular dele e ficou brava.**

[SD021] **Diane:** O que você estava fazendo para revidar?

[SD025] **Diane:** Você bateu nele? Em algum momento você disse pra si mesma, [SD026] "bom, isso foi culpa minha"?

Diane Sawyer chega inclusive a contestar algumas respostas de Rihanna, utilizando os documentos policiais como fontes irrefutáveis e idôneas de informação. Ainda que seja comumente fonte primária do jornalismo, o sistema policial nem sempre está preparado para amparar as vítimas de violência doméstica, fator que acaba, muitas vezes, impedindo que casos sejam denunciados. No trecho da entrevista a seguir, é possível perceber de que forma o documento policial foi utilizado na entrevista para contestar e colocar a palavra de Rihanna em xeque:

[SD029] **Diane:** Ele já tinha feito isso antes?

**Rihanna:** Não.

**Diane [OFF]:**

[SD030] Mas **nós contamos pra ela que lemos outro documento policial que cita dois incidentes anteriores.** Uma vez, quando ele quebrou a janela do SUV dela, e outro momento em que eles brigaram e...

**Diane:**...ele repetidamente te empurrou contra uma parede, e-

**Rihanna:** Ele não me empurrou repetidamente contra uma parede.

**Diane:** O que aconteceu?

**Rihanna:** Ele me empurrou contra a parede.

[SD031] **Diane:** Isso não é acontecer? Isso não foi um aviso?

**Rihanna:** Quando eu digo que não aconteceu, eu quero dizer que nunca foi...Eu nunca sangrei, inchei, olho roxo, machucada... não era...não era uma *luta*.

Além de ser responsabilizada por ter a chance de impedir que a agressão de fato acontecesse, Rihanna ainda é culpada por ter voltado para Chris Brown uma semana após o ocorrido. Na entrevista, a cantora admite que foi uma decisão equivocada, mas Diane Sawyer faz questão de ressaltar como as ações da artista chocaram e confundiram os fãs:

**Diane [OFF]:** Seus fãs ficaram pasmos com o que Chris Brown tinha feito com ela. E ainda mais chocados com [SD034] o que *ela* fez depois.

**LOCUTOR:** A seguir, mesmo na blitz da mídia depois do abuso, Rihanna ainda voltou pro Chris Brown. [SD035] Os fãs querem saber: "por quê?"

Benetti (2007, p. 115) explica que, no que diz respeito aos estudos de discurso, "o não-dito tem tanta força quanto o dito". Nesse trecho do programa, fica claro que a repórter decidiu focar no aspecto escandaloso do caso, ao invés de informar o público sobre as táticas abusivas que agressores usam para fazer com que as vítimas não os deixem ou voltem para um relacionamento onde há desequilíbrio de poder.

#### 4.3.2 *Mito do amor romântico*

Outra formação discursiva encontrada no texto do programa é o reforço constante do mito do amor romântico, numa tentativa de transformar o crime em algo mais emocional e dramático, na esperança de traçar um final feliz para a história dos dois. O amor romântico tem uma importância enorme nas pautas feministas: para Neves (2007), sua ideologia é responsável por fazer com que as mulheres acreditem que a felicidade humana depende única e exclusivamente da sua "entrega total e incondicional aos seus parceiros, originando, em muitas situações, histórias de violência, de discriminação e de desigualdade" (p. 617).

Geralmente, os discursos feministas apontam este imaginário de que só seremos felizes dentro de um relacionamento monogâmico e heterossexual como fatores-chave na construção da subordinação feminina. Por isso, a autora conclui que



as relações sociais de gênero constroem e determinam papéis, funções, comportamentos e expectativas sociais sobre o amor e a intimidade, não facilmente transponíveis, nem abandonáveis. E fazem-no impondo espaços diferenciados para homens no espaço institucional ou público empurrando as mulheres para o espaço doméstico ou privado), valorizando assimetrias entre os sexos (usando o argumento dos desideratos biológicos e das dissemelhanças naturais), cimentando hierarquias onde o masculino é sinônimo de autoridade, de poder, de controle e de eficácia e o feminino é sinônimo de vulnerabilidade, sensibilidade, subordinação e dependência, criando uma cultura de direitos e de deveres assente nas diferenças sexuais e fomentando a proliferação de discursos genderizados (profundamente menorizantes para as mulheres). (NEVES, 2007, p. 622).

Podemos ainda afirmar que a intimidade idealizada que a sociedade tem, historicamente, prometido às mulheres, traz como consequência a ocorrência de fenômenos como o auto-silenciamento, a vitimação e até a própria violência doméstica, seja ela psicológica ou física. Durante a entrevista, a repórter reforça a ideia de que Rihanna e Chris estariam destinados a ficar juntos, vivendo uma grande e emocionante história de amor, acabando por romantizar e dramatizar o caso em vez de tratar da real gravidade da situação, como podemos ver nas sequências discursivas a seguir:

[SD0010] **Diane:** Você já tinha se apaixonado antes? Ele foi seu **primeiro grande amor?**

**Diane [OFF]:** E também havia mensagens de algumas fãs, algumas meninas novas, que diziam que elas também estavam sendo machucadas e agredidas. Lá em Miami, Chris Brown parecia estar muito **aliviado** que ela estava de volta com ele, [SD043] até exuberante de ter tudo do jeito que era.

[SD043] **Diane:** E você achou que era isso, vocês iam ficar juntos de novo?

**Rihanna:** Eu realmente não sabia. Eu realmente não sabia mesmo. Eu passei por [pausa] uma série de emoções.

[SD044] **Diane:** Você disse a ele que **o perdoava?**

As imagens finais da matéria buscam trazer uma espécie de contraponto ao ponto de vista da vítima. A reportagem se encerra focando no pedido público de

desculpas feito por Chris Brown logo após o julgamento do caso, e ainda dá destaque à tentativa do cantor de voltar aos palcos com uma música nova. De acordo com o programa, a música teria sido escrita como um pedido de desculpas a Rihanna por todo o ocorrido. A repórter usa estes dois fatos separados para redimir Chris e dar a entender de que ele repensou suas ações e mudou seu comportamento – já que, dada a brutalidade mostrada na foto do rosto ensanguentado de Rihanna vazada pelo TMZ, tentar provar sua inocência não teria muito efeito. Aqui há o elemento da trilha sonora que é utilizada como forma de tornar a entrevista mais emocional e provocar reações na entrevistada.

**Diane [OFF]:** [SD046] Ele lançou uma série de apelos públicos, dizendo que ele tinha escrito uma música pra ela, um pedido de desculpas chamado "Changed Man". [tradução livre: Homem Mudado]

**[SOBE SOM: CHANGED MAN]**

*[fotos dos dois sorrindo]*  
*I remember your touch*  
*God, I miss you so much*  
*Believe me, baby I'm sorry*

[SD047] **Diane:** Quando você ouviu a música, o que você pensou?

**Rihanna:** Eu não ouvi. [pausa]

**Diane:** Não queria ouvir?

**Rihanna:** Não.

**[INSERT] Chris Brown no Larry King:** Eu queria poder ter mudado aquela noite.

[SD048] **Diane [OFF]:** Ele também foi no Larry King com a mãe dele, e explicou que quando era menino, ele ouvia seu padrasto bater na mãe. Mas o padrasto nega.

Aqui identifico mais uma instância em que o não-dito fala muito alto: como já foi apontado neste trabalho, existem estudos que comprovam que crianças que

presenciam violência doméstica em casa durante a infância são mais propensas a sofrerem ou cometerem agressões quando adultas. Porém, no 20/20, essa relação parece ser ignorada, sendo o aspecto dramático evidenciado.

#### 4.3.3 Sensacionalismo

Outro núcleo de sentido identificado é o do sensacionalismo. Em 16 das sequências discursivas levantadas, a repórter foca em informações que nada acrescentam ao entendimento do caso ou do problema estrutural da violência doméstica, mas que aguçam a curiosidade do público e servem para dar a impressão de que o 20/20 foi mais fundo nos fatos do episódio do que qualquer outro programa. Ainda, as informações inéditas expostas em detalhes dão ao telespectador a sensação de que pode formar a sua própria opinião sobre o caso, podendo julgar por si mesmo se Rihanna provocou ou não o namorado, se mereceu ou não a agressão e se agiu corretamente voltando para ele ou não.

**Diane [OFF]:** Pulando pro dia 7 de fevereiro, 2009. [SD011] Duas séries de fotografias contam uma história dramática. Aqui, à noite, um casal comparecendo a uma festa para os Grammys. Ele tinha dezenove, e ela apenas vinte.

**Rihanna:** Eu estava muito feliz. Nós nos divertimos muito. [sorrindo]

**Diane [OFF]:** Várias horas depois disso, algo aconteceu. Outra foto, publicada pelo TMZ. [printar foto dela inchada] Rihanna, inchada, machucada, violentada.

[SD012] **Diane:** A foto tirada naquela noite. **Você viu ela?**

[SD015] **Diane:** Nós lemos o relatório da polícia. [acenando com a cabeça com um ar compreensivo]

[SD016] **Diane, OFF:** Ele diz que ele a empurrou contra uma janela, deu um soco no seu olho direito! [mostrando imagens do B.O., falando com um ar incrédulo]

**Diane:** Diz que em um determinado momento a sua boca [devagar] encheu de sangue....?

**Rihanna:** [acena com a cabeça]...sim....

**Diane:** Eles citam ele dizendo "Eu vou te encher de porrada quando a gente chegar em casa". E em outro momento, "Agora eu vou mesmo te matar"

**Rihanna:** Eu sei que ele estava dizendo isso pra me assustar. [pausa] mas... ele não tinha... alma nos olhos. Era só...em branco. Então naquela hora eu só não sabia o que podia acontecer. Ele estava tão...claramente...fora de si. [pausa]. Não tinha uma...pessoa quando eu olhei pra ele. Era quase como se ele não tivesse nada a perder. *Ele tem tanta coisa a perder.* E era quase como se ele não tivesse nada a perder. Não era a mesma pessoa que diz..."Eu te amo". Não eram aqueles, definitivamente não eram aqueles olhos.

[SD017] [foto de um close nos olhos do Chris]

**Diane [OFF]:** Ela diz que na sua raiva, ele continuou dirigindo em direção a uma seção residencial de Los Angeles. [SD018] Ela tentou desesperadamente ligar pra sua assistente, ele jogou o telefone pela janela.

**Diane:** O relatório da polícia diz que ele imobilizou a sua cabeça, não uma mas duas vezes, e... Realmente te mordeu [pausa] algumas vezes. [SD019] Uma vez no lado esquerdo da sua orelha e depois também mordeu os seus dedos? Ele te mordeu?

**Rihanna:** Sim. [acenando com a cabeça, séria]

[SD020] **Diane:** Eles dizem que essa imobilização foi tão severa em um determinado momento que você não conseguia respirar e começou a perder a consciência.

**Rihanna:** [olhando pro lado] Eu não...perdi a consciência. Mas eu definitivamente tive dificuldade pra respirar. [pausando]

[SD023] **Diane:** Então, "ela deve ter feito algo, ela bateu nele, ela provocou ele, ela irritou ele?"... [SD024] Como você reagiu?

[SD028] **Diane:** Como você achou que aquilo ia terminar?

[SD039] **Diane:** Você achou que ele podia, você achou que ele podia realmente [pausa] tentar se matar?

**Rihanna:** Eu só [gaguejando], tudo estava passando pela minha cabeça porque eu sei que ele *nunca* teve que lidar com algo desse tipo. Eu não estou dizendo que isso é uma desculpa pra eu voltar, mas era nisso que eu estava pensando.

**Diane [OFF]:** Mas voltar pra ele foi exatamente o que ela fez. Primeiro de março, só três semanas depois do incidente, ela voou pra ficar com Chris Brown em Miami. Os fãs dela ficaram confusos.

[SD045] **Diane: Como você terminou? Quando você terminou?**

[SD047] **Diane:** Quando você ouviu a música, o que você pensou?

[SD049] **Diane [OFF]:** E do Chris Brown, mais uma desculpa: um vídeo, lançado online. **Ela diz que essa é a primeira vez que ela assiste a esse vídeo.**

Grande parte do valor jornalístico da entrevista vem não do fato de ser a primeira vez que Rihanna fala sobre o caso, contando sua versão e sua experiência como vítima, mas da sua **reação**. Para o jornalismo de celebridades e também, em parte, para o telejornalismo, o mais importante é o frescor e a adrenalina de uma reação capturada em vídeo, a imagem-sintoma, o corte de poucos segundos que causa uma grande impressão no público. Diane Sawyer passa grande parte do tempo da entrevista tentando provocar uma resposta emocional de Rihanna – que, por sua vez, tenta se manter calma e racional durante toda a interação. Não há mérito jornalístico em saber detalhes sobre o episódio, momentos específicos da agressão ou a maneira como ela terminou o relacionamento – mas ainda assim, a reportagem priorizou fazer perguntas e mostrar imagens que levam a um interesse quase voyeurístico do público em ver o sofrimento da cantora.

#### 4.3.4 Glamourização da vítima

Por fim, no último núcleo de sentido detectado na entrevista, identifiquei a necessidade constante da repórter de reforçar a fama, dinheiro, glamour e poder da

figura de Rihanna – que ela coloca em oposição ao ethos de vítima, como se ser os dois sujeitos (vítima e celebridade) ao mesmo tempo fosse impossível. Ao representar Rihanna como uma celebridade poderosa imune aos males do mundo, Diane Sawyer automaticamente reforça o marcador de classe presente na violência doméstica, retratando o problema como algo sofrido exclusivamente por mulheres de baixa renda – ou, ainda, simplesmente mais frágeis do que a persona pública de Rihanna projeta.

[SD003] **Diane Sawyer [OFF]:** A um milhão de milhas de distância, na ilha caribenha de Barbados, uma menina chamada Robyn Rihanna Fenty cresceu. Aqui está ela no ensino médio, cantando no auditório para os seus amigos.

[Rihanna aparece cantando "Hero", da Mariah Carey"]

[SD004] Até que um dia, ela cantou para um turista, um produtor musical americano, que levou ela para Nova York aos 16 anos. E com a mesma rapidez que você pode dizer "Umbrella", ela se tornou **a força que é Rihanna**.

[SD006] **2 – DIANE [OFF]:** A marca registrada dela é **glamour, ousadia, força e aço**. 15 milhões de álbuns depois, ela tem mais hit songs que qualquer pessoa nessa década. E controla um império de patrocínios, editoriais de moda e uma conta bancária nos multi-milhões.

[SD037] **Diane [OFF]:** A maioria de nós imaginava que teria que ser diferente pra essa superestrela formidável que estava cercada de patrocinadores. [IMAGENS DO CLIPE DE "UMBRELLA"] Milhões de dólares, amigos poderosos, mas nós estávamos errados. Ela diz que logo depois do incidente, [SD038] **ela estava exatamente como tantas outras mulheres abusadas**, cheia de sentimentos confusos e em conflito sobre onde ir ou o que fazer.

**Diane:** Eu acho que na média, leva sete vezes até que a mulher vá embora.

**Rihanna:** Oito ou nove, na verdade.

[SD050] **Diane [OFF]:** Mas ela insiste que isso não vai acontecer com essa menina [imagens de Rihanna numa passarela] que sonhou da pequena ilha caribenha [imagens da performance do ensino médio

mostrada no início do programa] até a **vida de confiança desafiadora que tornou Rihanna uma estrela** [imagens da cantora num tapete vermelho].

[SD051] **Diane:** Tantas pessoas disseram "**Ela parece a pessoa com a menor chance de estar numa situação onde isso aconteceria. Ela sempre pareceu tão forte...**"

**Rihanna:** Eu sou **forte**. [pausa] Isso aconteceu *comigo*. [pausa]. Eu não causei isso. Eu não fiz isso. Isso aconteceu comigo e pode acontecer com *qualquer uma*.

Na quarta formação discursiva, vemos que Rihanna não só estava melhor informada sobre as estatísticas de violência doméstica (essa é a única citada no programa) do que a repórter, mas também que não aceita que questionem seu status de vítima, nem que criem a suposição de que mulheres fortes não sofrem abusos e agressões. Ao longo do programa, a repórter utilizou as palavras "**força**"/ "**forte**" e outras variações desse adjetivo **seis vezes** para se referir a Rihanna. Isso demonstra a tentativa de construir uma imagem da celebridade como indestrutível e poderosa – o oposto do imaginário que existe a respeito das vítimas de violência doméstica.

A cantora ainda aproveita o espaço dado no programa para falar diretamente com as telespectadoras que possam estar passando por uma experiência parecida:

**Rihanna:** E eu fico feliz que tenha acontecido comigo. Porque agora eu posso ajudar as meninas novas quando elas passam por isso. **Eu digo isso pra qualquer menina que esteja passando por violência doméstica: não reaja no amor.** Foda-se o amor. Saia da situação e olhe pra ela em terceira pessoa, pelo que ela realmente é, e aí faça sua decisão, porque o amor é tão cego. É tão cego.

Aqui, cabe resgatarmos a diferença do conceito de enunciador e locutor. Benetti afirma que "O locutor é quem fala, o enunciador é aquele 'a partir de quem se vê'" (2007, p. 119). Na entrevista, vemos Diane e Rihanna conversando, mas também aparecem depoimentos e perguntas de alguns fãs e apresentadores de outros programas dizendo o que a repórter da ABC não pode ou não tem coragem de dizer diretamente.

**Diane [OFF]:** Logo depois da Rihanna ser agredida, o caso foi uma sensação midiática, com todo mundo opinando.

### INSERTS

**Oprah:** Se um homem te bate uma vez, ele vai te bater de novo.

**Jamie Foxx:** Nenhum homem deve colocar suas mãos em uma mulher, nunca.

**Comentarista do The View:** Rihanna, se acontecer de novo, é melhor você correr pras colinas.

**Fã no Youtube #1:** Se pode acontecer com estrelas como ela, bom, eu espero que mostre pras pessoas que pode acontecer com qualquer um.

**Fã no Youtube #2:** Se ele realmente te amasse ele não ia colocar as mãos em você desse jeito.

**Diane [OFF]:** [SD040] Mas voltar pra ele foi exatamente o que ela fez. Primeiro de março, só três semanas depois do incidente, ela voou pra ficar com Chris Brown em Miami. [SD041] Os fãs dela ficaram confusos.

**Fã no Youtube #3:** Eu acho que voltar pra ele seria como dizer que foi ok fazer aquilo. E todos nós sabemos que não é ok.

**Fã no Youtube #4:** Eu não quero que vocês, mulheres lá fora, pensem que isso é ok. Isso não é ok. Um homem coloca as mãos em você, "até mais, otário".

**Fã no Youtube #5:** Eles podem tentar fazer o relacionamento funcionar se escolherem.

Rihanna, por sua vez, é a locutora que traz as informações e o entendimento sobre violência doméstica sobre os quais a repórter e o programa silenciaram.

**Rihanna:** Pura e simplesmente, negação é você começar a mentir pra si mesma. **No minuto em que as feridas físicas vão embora, você quer que essa coisa vá embora.** Esse é um momento que você não quer ter nunca mais. Então no minuto [pausa] que as feridas físicas vão embora, você tenta colocar isso pra trás na sua cabeça e você começa a mentir pra si mesma subconscientemente.

**Diane:** Mentir dizendo "não foi tão ruim quanto eu pensava", mentir dizendo "ele mudou", mentir como?



**Rihanna:** Inicialmente você começa a pensar "o que eu posso possivelmente ter feito pra fazer ele me bater e fazer isso?". Tipo, **você passa aquilo de novo na sua cabeça e de repente você fica tipo, sabe, para. Para. Eu só não falei sobre isso com ninguém. Com ninguém. Não com os meus amigos, [voz embargada], não com a minha família, eu não queria as pessoas olhando pra mim e sentindo pena tipo "olha lá a vítima", então eu me senti realmente sozinha.**

Nancy Berns (2004) ressalta que o cenário estrutural da violência doméstica inclui muitas pessoas e agências envolvidas com a intervenção e prevenção da violência doméstica, e que "os esforços (ou a falta deles) para intervir podem contribuir tanto positivamente quanto negativamente para o problema" (BERNS, 2004, p. 21, tradução nossa<sup>32</sup>). A autora também critica o foco excessivo dado às vítimas nas matérias de violência doméstica:

No meio do caminho, a violência e os abusadores se perderam. A violência doméstica não é retratada como um problema social sobre os abusadores. Então nós não falamos muito sobre os abusadores. E a violência doméstica não surgiu como um problema sobre o contexto social que tolera e alimenta essa violência, então nós também não falamos sobre essas questões (BERNS, 2004, p. 3, tradução nossa<sup>33</sup>)

Depois de analisar o discurso produzido pela entrevista e entender os sentidos trazidos pela repórter, podemos afirmar que a matéria produzida por Diane Sawyer para o 20/20 da ABC tem um enquadramento que foca na vítima e ao mesmo tempo ignora as questões culturais e estruturais que existem na violência doméstica.

---

<sup>32</sup> Texto original: "The institutional level of the landscape includes many people and agencies involved with intervention and prevention. The efforts (of lack of effort) to intervene can contribute both positively and negatively to the problem."

<sup>33</sup> Texto original: "Along the way, the violence and the abusers have gotten lost. Domestic violence is not depicted as a social problem about the abusers. So we do not talk much about the abusers. And domestic violence has not emerged as a problem about the social and cultural context that tolerates and fosters this violence, so we do not talk about those issues either."

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido partindo do entendimento do jornalismo como uma construção social (ALSINA, 2009; TRAQUINA, 2003), logo, encarando o campo das notícias como algo que não pode, não deve e nem tem a capacidade de ser imparcial ou neutro. Ainda, as vivências e visões de mundo particulares dos repórteres envolvidos na produção das notícias e reportagens também ajudam a moldar os discursos produzidos pelos jornalistas, como explica Veiga da Silva (2010).

A partir disso, podemos afirmar que a concepção limitada da sociedade sobre violência doméstica está relacionada à abordagem rasa que o jornalismo costuma dar ao problema, muitas vezes ignorando suas raízes estruturais e especificidades para focar na questão dramática, no sensacionalismo e no sofrimento ou empoderamento da vítima em questão.

Nancy Berns (2004) ressalta que o enquadramento mais frequente nos produtos jornalísticos sobre casos de violência doméstica é a perspectiva de empoderamento da vítima, onde ela não chega a ser diretamente culpada pelas agressões mas sim responsabilizada por não sair do relacionamento, denunciar o agressor ou tomar algum tipo de providência para mudar a situação. A autora afirma que esse entendimento da violência doméstica (como um problema individual, uma falha isolada no caráter do agressor em questão) ignora o cenário estrutural de violência contra as mulheres, em especial as mulheres negras.

Essa perspectiva também presume que os recursos de apoio às vítimas estão sempre em pleno funcionamento e à disposição de todas as mulheres, sem exceção; e também que o sistema policial acolhe prontamente as vítimas que fazem denúncias, leva a sério seus relatos e se assegura de que todos os casos vão a julgamento. Na realidade, sabemos que lidar com a polícia ou ir até a Delegacia da Mulher muitas vezes se torna mais um trauma para as vítimas. Além disso, este tipo de enquadramento entende que o público não quer ouvir sobre os agressores – o que explica o fato de muitas vezes, as matérias ignorarem os motivos que fazem com que os homens sejam violentos e foquem na história de superação da vítima.

Isso acarreta na omissão da problematização sobre a construção de uma masculinidade tóxica, e de como os padrões de gênero ensinados e aprendidos pela sociedade desde a infância são nocivos e prejudicam homens e mulheres, tendo consequências violentas para as mulheres. Ao entrevistar Rihanna e perguntar com um ar acusatório o que ela estava fazendo pra reagir à violência de Chris Brown, se ele já a havia agredido antes e focando boa parte do programa no fato da cantora voltar com Chris depois da agressão, Diane Sawyer reforça o enquadramento que culpabiliza a vítima da agressão. A jornalista entra em detalhes ao falar sobre o que a vítima poderia ter feito para evitar a situação, mas não dedica um segundo sequer para falar sobre o machismo estrutural ou sobre o cenário complexo por trás da violência doméstica.

É necessário também ressaltar a contradição gritante nos sentidos construídos pelo programa: ao mesmo tempo que culpa Rihanna por ter voltado com seu agressor, Diane romantiza a história do casal e pergunta constantemente se a cantora já perdoou Chris Brown, fortalecendo o mito do amor romântico e reforçando o imaginário de que uma agressão daquele nível é um deslize isolado, apenas um erro, e não parte de um cenário estrutural maior, inserida nos diversos níveis de violência de gênero.

Nancy Berns (2004) afirma que a maioria das pessoas experiencia os problemas sociais através da mídia. Benetti (2007, 2016) discorre sobre como a linguagem e o discurso são opacos, apesar dos esforços do jornalismo para apresentá-los como transparentes. O jornalismo também costuma dar uma importância considerável à ideia do contraponto, partindo do princípio de que ouvir os dois lados seria essencial para entender qualquer história. Contudo, nem toda história tem apenas dois lados claros, e muitas vezes a imprensa utiliza a ideia de pluralidade para não se posicionar diante de questões polêmicas. É o caso do programa 20/20, que considerou justo dar uma espécie de "direito de resposta" a Chris Brown um mês depois da entrevista exclusiva de Rihanna.

No dia 8 de dezembro de 2009, o programa 20/20 recebeu Chris Brown para um episódio onde o cantor responde à entrevista de Rihanna e dá a sua versão dos

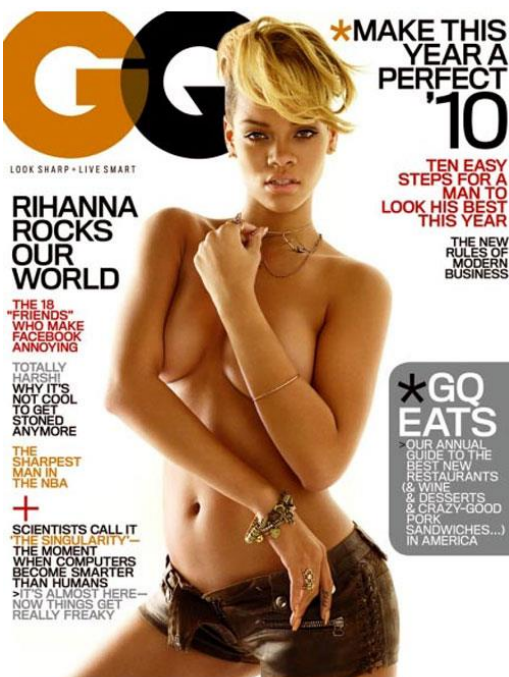
fatos (ANEXO II). A âncora começa o programa caracterizando a entrevista como "sincera", a fim de sensibilizar um público que ainda ressentia Brown. A entrevista marca o primeiro passo do cantor para consertar sua imagem e reconquistar o público americano. Chris começa o episódio admitindo que o que fez foi errado e mantém o ar arrependido durante os 20 minutos do programa gravado. Robyn mostra trechos da entrevista concedida por Rihanna e pergunta ao cantor o que ele acha, se as informações estão corretas e como ele se sente sobre as declarações. Assim, o 20/20 reforça a última palavra do agressor sobre o episódio, ao mesmo tempo que questiona a credibilidade da vítima.

O programa estrelando Rihanna termina com a música emocionada e o pedido de desculpas de Chris, romantizando a história dos dois e induzindo o telespectador a torcer para que o casal fique junto novamente. Já episódio que foca no cantor termina mostrando seu lado inofensivo, ressaltando o "menino dentro do homem", buscando inocentá-lo e enquadrar o episódio como um erro isolado. Ignorar a existência do agressor não era possível para uma emissora tão grande quanto a ABC quando ele é um homem famoso que traz tanta audiência – então, ao continuar a cobertura do caso e aproveitando o interesse público despertado por ele, a emissora traça uma linha discursiva que busca inocentar o cantor.

Depois de falar com o 20/20, Rihanna foi capa da edição de dezembro de 2009 da revista GQ. A foto e a entrevista trazidas pela publicação mostram uma virada na sua imagem pública, que foi da menina inocente e exótica que veio do Caribe para uma bad girl invencível, controversa e sexy. A imagem da capa mostra Rihanna olhando diretamente para a câmera, usando apenas um short curto e traz o título "Rihanna Rocks Our World" (em tradução livre, "Rihanna arrasa com o nosso mundo").

Figura 3 – Rihanna estampa a capa da edição de janeiro de 2010 da revista

GQ



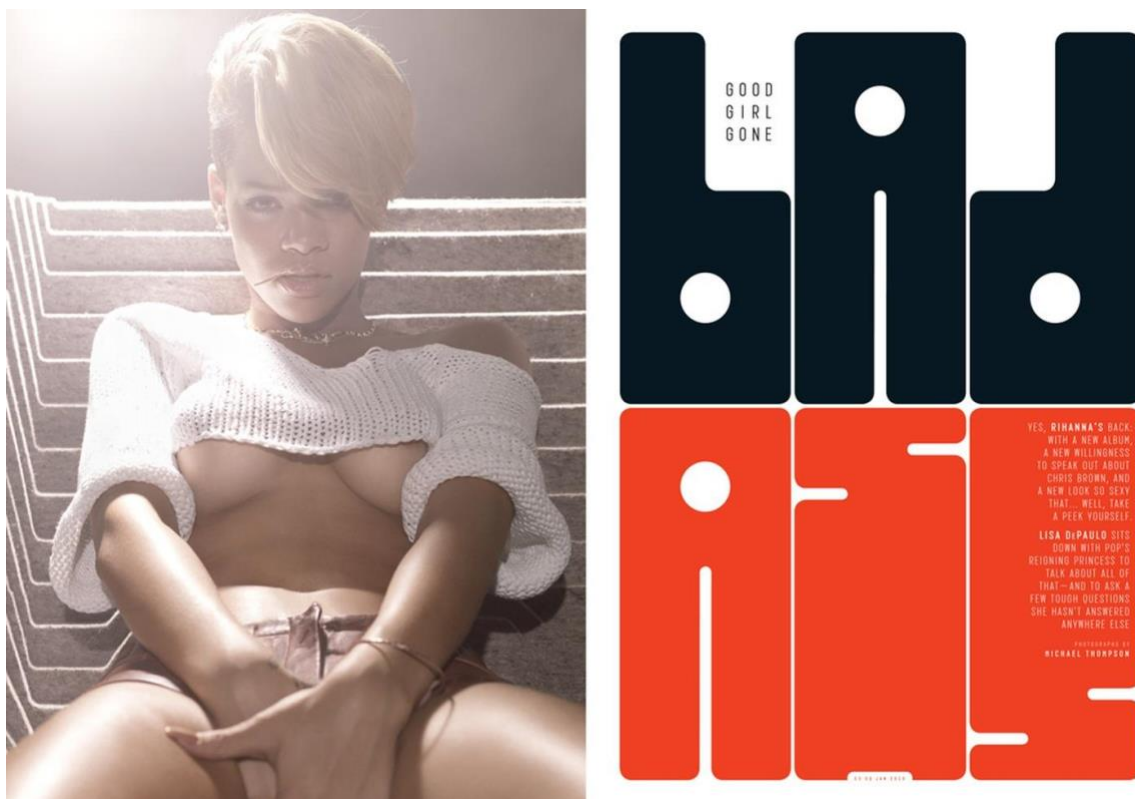
Fonte: reprodução capa GQ

Já o editorial vem com uma foto da cantora mostrando parte dos seios e com a mão entre as pernas, numa pose sexualizada, com o título "Good Girl Gone Badass" fazendo um trocadilho com o título do terceiro disco da carreira da cantora (Good Girl Gone Bad, que pode ser traduzido para algo como "Boa Garota Que Virou Má"). A linha de apoio diz:

Sim, a Rihanna voltou: com um novo álbum, uma nova disposição para falar de Chris Brown, e um novo visual tão sexy que... Bom, dê uma olhada você mesmo. Lisa de Paulo senta com com a princesa reinante do pop para falar sobre tudo isso – e para fazer algumas perguntas difíceis que ela não respondeu em nenhum outro lugar. (tradução nossa<sup>34</sup>).

<sup>34</sup> Texto original: "Yes, Rihanna's back: With a new album, a new willingness to speak about Chris Brown, and a new look so sexy that...well, take a peek yourself. Lisa DePaulo sits down with Pop's reigning princess to talk about all of that—and to ask a few tough questions she hasn't answered anywhere else." GQ, 15 de dezembro de 2009. Disponível em <<https://www.gq.com/story/rihanna-video-photos>>. Acesso em dezembro de 2017.

**Figura 4** – Primeira página do editorial dedicado a Rihanna na revista.



Fonte: GQ

O foco em perguntar para Rihanna as questões que ela não quis, ou não pode, responder em outros veículos mostra a obsessão da mídia com a sua experiência como vítima de violência doméstica. Esta é uma de muitas matérias depois do episódio a mencionarem Chris Brown, contribuindo para o quadro onde o cantor se torna uma figura que aparece com frequência na sua narrativa midiática de 2009 em diante. A entrevista foi concedida à GQ alguns dias depois da gravação do 20/20 com Diane Sawyer, mas antes do programa ir ao ar. Logo, a repórter faz algumas perguntas parecidas com as de Diane. Porém, a abordagem da revista é bem menos emocional e foca mais na equipe de profissionais responsáveis pela construção e reconstrução da imagem de Rihanna após a "coisa toda com Chris Brown"<sup>35</sup>, como diz a reportagem.

<sup>35</sup> A reportagem chega a mencionar diretamente a necessidade da equipe de Rihanna de lidar com o assunto, dizendo: "A imagem de Rihanna – criada, lidada e gerenciada com tanto cuidado desde o momento em que ela foi colhida, aos 15 anos, de um grupo de meninas em Barbados por um produtor

No programa do 20/20, foram identificadas 51 sequências discursivas: 14 dizem respeito à culpabilização da vítima; 9 reforçam o mito do amor romântico; 9 colocam Rihanna num pedestal sobre-humano de glamour e força, a significando como alguém que jamais poderia ser vítima de violência doméstica; e 19 tratam o caso de uma maneira sensacionalista, trazendo detalhes gráficos do caso e fazendo perguntas cuja única intenção era provocar uma reação emocional da vítima. Isso nos mostra o que o jornalismo considera mais importante quando fala sobre celebridades que foram vítimas de violência doméstica, que era o objetivo geral deste trabalho: o fator choque, o drama, a emoção e o sofrimento dessas figuras que parecem vir de outro universo tão distante do nosso. Os hematomas de Rihanna, a decadência da carreira de Chris Brown e a frustração dos fãs ganham mais destaque do que as estatísticas reais sobre violência doméstica, do que as informações de serviço sobre os recursos que podem ajudar eventuais vítimas que estejam assistindo ou ainda do que o debate sobre os lugares designados a homens e mulheres na sociedade.

Como objetivo específico, este trabalho se dispôs a observar como as opressões de gênero, raça, geração e nacionalidade atuam no discurso dos jornalistas – e podemos perceber que Diane Sawyer não consegue reconhecer seus privilégios como mulher branca, famosa e de classe alta ao falar de violência doméstica como um problema que afeta somente mulheres desfavorecidas. Esta abordagem também é

---

que a levaria para a sua casa em Stamford, Connecticut conseguir um contrato de gravação com a Def Jam, e a mandar no seu caminho para o superestrelato – havia ficado toda distorcida na "coisa com Chris Brown". Na mercado musical, a violência doméstica não é só uma tragédia; é uma crise de imagem. Então agora o Time Rihanna tina que decidir como "lidar com isso". O plano deles era o seguinte: ela falaria sobre a situação durante o lançamento do álbum. Ela faria Diane e a Glamour e anunciaria que queria ajudar as mulheres jovens que já estiveram na posição dela. Mesmo que isso signifique confrontar o que realmente aconteceu naquela noite feia em fevereiro passado, quando ela e Chris Brown saíram de uma festa pré-Grammy, linda, sorrindo e posando, entrou no carro dele e mais tarde saiu sangrando, machucada e mordida. Texto original: "Rihanna's image—so carefully crafted and handled and managed from the moment she was plucked, at age 15, from a girl group in Barbados by a producer who would squire her to his home in Stamford, Connecticut, get her a record deal with Def Jam, and send her on her way to superstardom—had gotten all twisted up in the "Chris Brown thing." In the record business, domestic violence isn't just a tragedy; it's an image crisis. So now Team Rihanna had to decide how to "handle it." Their plan was this: She'd talk about it for the release of the album. She'd do Diane and *Glamour* and announce that she wanted to help young women who'd been in her position. Even if that meant addressing what really happened that ugly night last February, when she and Chris Brown left a pre-Grammy party, gorgeous, smiling, and posing, got into his car, and she later emerged bloody, bruised, and bitten." Fonte: GQ, 15 dez. 2009. Disponível em <<https://www.gq.com/story/rihanna-video-photos>>. Acesso em dez. 2017.

sintoma de uma falta de diversidade nas redações. Podemos também concluir que, neste caso, o jornalismo contribuiu para a manutenção do discurso predominante sobre a violência doméstica: que ela não é necessariamente culpa da vítima, mas que pode ser evitada caso as mulheres estejam atentas a certos sinais.

As informações que os jornalistas já tinham a respeito de Rihanna (imigrante, negra, cantora, talentosa, famosa e poderosa) entram em contradição sobre o que eles imaginam a respeito de alguém que possa ser vítima de violência doméstica. Por fim, podemos afirmar que o jornalismo ainda precisa aprofundar seus enquadramentos ao abordar problemas sociais: seja em 2009 ou em 2017, seja falando sobre uma celebridade poderosa ou sobre uma mulher comum.



## 6 REFERÊNCIAS

ABC Medianet. May 19, 2009. Archived from the original on June 23, 2009. Retrieved September 20, 2012. Disponível em <[https://web.archive.org/web/20090623063544/http://abcmedianet.com/web/dnr/dispDNR.aspx?id=051909\\_05](https://web.archive.org/web/20090623063544/http://abcmedianet.com/web/dnr/dispDNR.aspx?id=051909_05)> Acesso em set. 2017.

Agência UFC, 21 nov. 2017: "Crianças expostas a violência doméstica tem maior chance de sofrer violência do mesmo tipo quando adultas". Disponível em <<http://www.agencia.ufc.br/criancas-expostas-a-violencia-domestica-tem-chance-maior-de-sofrer-violencia-do-mesmo-tipo-quando-adultas>>. Acesso em 26 nov. 2017.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. São Paulo: Vozes, 2009, p. 111 a 152

BENETTI, Marcia. **Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso em jornalismo: estudos de vozes e sentidos. In: **Metodologias de pesquisa em jornalismo**. Porto Alegre: Vozes, 2007. p. 107 a 122.

BERNS, Nancy. **Framing the victim: Domestic violence, media and social problems**. Estados Unidos, New Jersey: Transaction Publishers, 2004.

Blogueiras Feministas, 7 ago. 2017. "11 anos da Lei Maria da Penha. 11 dados recentes da violência contra a mulher no Brasil". Disponível em <<http://blogueirasfeministas.com/2017/08/11-anos-da-lei-maria-da-penha-11-dados-recentes-da-violencia-contra-a-mulher-no-brasil/>>. Acesso em 17 nov. 2017.

BOU-FRANCH, Patricia. Domestic violence and public participation in the media: the case for citizen journalism. In: **Gender and language**. Valência, v. 7, n. 3, p. 275-302. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/273082934\\_Domestic\\_violence\\_and\\_public\\_participation\\_in\\_the\\_media\\_The\\_case\\_of\\_citizen\\_journalism](https://www.researchgate.net/publication/273082934_Domestic_violence_and_public_participation_in_the_media_The_case_of_citizen_journalism)>. Acesso em 22 jan. 2017.

CABRERA, Patricia Muñoz. Violencias interseccionales: Debates Feministas y Marcos Teóricos en el tema de Pobreza y Violencia contra las Mujeres en Latinoamérica. **Central America Women's Network**, 2011. Disponível em <<http://www.cawn.org/assets/Violencias%20Interseccionales.pdf>>. Acesso em 2 set. 2017.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Leila González. In: **Estudos Feministas**. v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014. Universidade do Estado da Bahia. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757/28579>>. Acesso em 2 set. 2017.

Carta Capital. "Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil", 20 d nov. 2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>>. Acesso em 20 nov. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **O terror do espetáculo: terrorismo e televisão. Capítulo 3: Informação, Emoção e Imaginários a propósito do 11 de setembro de 2001.** Coimbra, 2009, p. 71 a 86.

Correio Braziliense, 5 jun. 2017. "Cresce taxa de assassinatos de mulheres negras no país, aponta Ipea". Disponível em <[http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/06/05/internas\\_polbraeco,600220/cresce-taxa-de-assassinatos-de-mulheres-negras-no-pais-aponta-ipea.shtml](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/06/05/internas_polbraeco,600220/cresce-taxa-de-assassinatos-de-mulheres-negras-no-pais-aponta-ipea.shtml)>. Acesso em 17 nov. 2017.

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.** In: Cruzamento: raça e gênero. 2004, online. Disponível em: <<http://generoeducacao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/A-Interseccionalidade-na-Discrimina%C3%A7%C3%A3o-de-Ra%C3%A7a-e-G%C3%AAnero-Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em set. 2017.

\_\_\_\_\_. Mapping the margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: **Stanford Law Review**, 1993. p. 1251-1269.

Domestic Violence Statistics. Disponível em <<http://domesticviolencestatistics.org/domestic-violence-statistics/>>. Acesso em 18 nov. 2017.

Dossiê Femicídio da Agência Patrícia Galvão, 2015. Disponível em <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/femicidio/biblioteca/mulheres-negras-e-violencia-no-brasil/>>. Acesso em 17 nov. 2017.

EXAME, 8 mar. 2017. "Os números da violência contra a mulher no Brasil". Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/#>>. Acesso em 17 nov. 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 33-49, 103-124.

"Final 2009-10 Broadcast Primetime Show Average Viewership". *TV by the Numbers*. Zap2It. June 16, 2010. Archived from the original on August 21, 2014. Retrieved September 20, 2012. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20140821034701/http://tvbythenumbers.zap2it.com/2010/06/16/final-2009-10-broadcast-primetime-show-average-viewership/54336/>>. Acesso em set. 2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. In: **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

GQ. "Good Girl Gone Badass". 15 dez. 2009. Disponível em <<https://www.gq.com/story/rihanna-video-photos>>. Acesso em dez. 2017.

G1: Mais de 500 mulheres são vítimas de agressão física a cada hora no Brasil, aponta Datafolha. Disponível em <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mais-de-500-mulheres-sao-vitimas-de-agressao-fisica-a-cada-hora-no-brasil-aponta-datafolha.ghtml>>. Acesso em 6 nov. 2017.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Raça: O significativo flutuante**. 1995, University of London. Tradução de Liv Sovik e Katia Santos. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>>. Consultado em 27 ago. 2017.

Huffpost Brasil, 27 ago. 2017. "Taxa de feminicídios do Brasil é a quinta maior do mundo". Disponível em <[http://www.huffpostbrasil.com/2017/08/27/taxa-de-femicidios-no-brasil-e-a-quinta-maior-do-mundo\\_a\\_23187246/](http://www.huffpostbrasil.com/2017/08/27/taxa-de-femicidios-no-brasil-e-a-quinta-maior-do-mundo_a_23187246/)>. Acesso em 17 nov. 2017.

Huffpost Brasil. "Mulher negra graduada no Brasil recebe 43% do salário de homem branco". Disponível em <[http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco\\_a\\_23279872/](http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco_a_23279872/)>. Acesso em 19 nov. 2017.

MJ Gámez Fuentes, E Gómez Nicolau, R Maseda García (2016): "Celebrities, violencia de género y derechos de las mujeres: ¿hacia una transformación del marco de reconocimiento?". **Revista Latina de Comunicación Social**, 71, pp. 833 a 852. Disponível em <<http://www.revistalatinacs.org/071/paper/1123/43es.html>>. Acesso em set. 2017.

IG: "Disputa acirrada! Programas de fofoca brigam pela audiência vespertina da TV". Disponível em <<http://gente.ig.com.br/tvenovela/2017-11-16/programas-de-fofoca-tarde.html>>. Acesso em 13 dez. 2017.

LANA, Ligia. **Jornalismo de celebridade, interesse humano e representações femininas na contemporaneidade**. 2012. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Leia e opine: "O fim do ego e o jornalismo de celebridade". Disponível em <<http://www.leiaeopine.com.br/2017/04/19/o-fim-do-ego-e-o-jornalismo-de-celebridade/>>. Acesso em 15 nov. 2017.

MARQUES, Maria de Fátima Jerônimo. **Mídia e gênero: análise crítica da violência contra a mulher no telejornalismo**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte, 2011.

MAXWELL, Kimberly; HUXFORD, John; BORUM, Catherine; HORNİK, Robert. Covering domestic violence: how the OJ Simpson case shaped domestic violence reporting in the news media. In: **Journalism & Mass Communications Quarterly**, 2000. Vol. 77, no. 2. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/107769900007700203>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

MORAES, Fabiana. **"Não acredito que estou vendo isso": raça, peso e origem social no status instável da mulher celebridade**. Universidade Federal de Pernambuco, 2016. p. 3-16

MAXWELL, Kimberly; HUXFORD, John; BORUM, Catherine; HORNİK, Robert. Covering domestic violence: how the OJ Simpson case shaped domestic violence reporting in the news media. In: **Journalism & Mass Communications Quarterly**, 2000. Vol. 77, no. 2. Disponível

em <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/107769900007700203>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

MORIN, Edgar. Os olímpianos. **Cultura de massas no século XX. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária**, p. 105-109, 1997.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao "mito do amor romântico"? v.15 2007, In: **Revista Estudos Feministas**. p. 610-623.

NEW YORK TIMES. "After Weinstein: 45 Men Accused Of Sexual Misconduct And Their Fall From Power". 15 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/11/10/us/men-accused-sexual-misconduct-weinstein.html>>. Acesso em dez. 2017.

NEW YORK TIMES. "Diane's Swan Song". 11 set. 2009. Disponível em: <<http://nypost.com/2009/11/09/dianes-celeb-swan-song/>>. Acesso em set. 2017.

ONU MULHERES: "ONU alerta para os custos de violência contra as mulheres no mundo". Disponível em <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-alerta-para-os-custos-da-violencia-contra-as-mulheres-no-mundo/>>. Acesso em 17 nov. 2017.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. São Paulo, Berlendes. 2009. p. 118 a 148.

"Prevalence and Characteristics of Sexual Violence, Stalking, and Intimate Partner Violence Victimization" — National Intimate Partner and Sexual Violence Survey, United States, 2011. Disponível em <[https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6308a1.htm?s\\_cid=ss6308a1\\_e](https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6308a1.htm?s_cid=ss6308a1_e)>. Acesso em 18 nov. 2017.

ROSS, Karen; CARTER, Cynthia. Women and news: a long and winding road. In: **Media, culture and society**. v. 33, n. 8, p. 1148-1165, 2011. SAGE Publications. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443711418272>>. Acesso em 22 jan. 2017.

SCARDUZIO, Jennifer; CARLYLE, Kellie; HARRIS, Kate Lockwood; SAVAGE, Matthew. "Maybe she was provoked": exploring gender stereotypes about male and female perpetrators of intimate partner violence. In: **Violence Against Women**, 2017. v. 23, n. 1, p. 89-113. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1077801216636240>>. Acesso em 22 jan. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989. p. 3-16.

SCHUCMAN, Lia. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. Revista **Psicologia Política**, vol. 10, nº 19, p. 41-55, 2010.

Secretaria de Comunicação do Governo Federal: Pesquisa brasileira de mídia 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e->

[qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view](#)>. Acesso em 15 nov. 2017.

SILVA, Francisco Vieira da. A constituição do sujeito celebridade no site ego: (re)configurações da intimidade em tempos de hiperexposição midiática. 2016. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **As Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 168 a 180

TRAQUINA, Nelson. **Os valores-notícia**. 2002, Lisboa: Quimera, p. 168 a 206.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. 1993, p. 74-90 In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

Uol: "Com novo quadro de famosos, Faustão tem maior Ibope em sete anos". Disponível em <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-novo-quadro-de-famosos-faustao-tem-maior-ibope-em-sete-anos-14865>>. Acesso em 15 nov. 2017.

UN Women. "Facts and figures: Ending violence against women". Disponível em <<http://www.unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures#notes>>. Acesso em 17 nov. 2017.

Upworthy, 19 de junho de 2012. "Don't Believe The War on Women? Would A Body Count Change Your Mind?". Disponível em <<http://www.upworthy.com/dont-believe-in-the-war-on-women-would-a-body-count-change-your-mind>>. Acesso em 18 nov. 2017.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

WADE, Lisa. Journalism, advocacy and the social construction of consensus. In: **Media, culture and society**. v. 33, n. 8, p. 1166-1184, 2011. SAGE Publications. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443711418273>>. Acesso em 22 jan. 2017.

20/20 Season 40 Ratings. Disponível em: <<https://tvseriesfinale.com/tv-show/2020-season-40-ratings/>>. Acesso em 26 nov. 2017.

## 7 ANEXOS

1. Decupagem da entrevista concedida por Rihanna para o 20/20

**20/20 continua, com Elizabeth Vargas**

[trilha: Umbrella]

**Elizabeth Vargas:** Nós já fizemos **tantas matérias** sobre abuso doméstico neste programa. E hoje, **mais uma**. Mas essa é sob o olhar de um holofote muito público: Rihanna, [fotos da cantora sorrindo ao fundo] quebrando seu silêncio pela primeira vez. [SD001] **Por mais desconcertante que seja o motivo das pessoas em casamentos abusivos ficarem, é ainda mais confuso fazer isso quando você está namorando, quando você é jovem e é livre e pode fazer suas próprias escolhas.** Hoje à noite, todas essas coisas abordadas por [SD002] uma mulher que é **uma mega estrela**. Diane Sawyer tem a sua história.

**Diane Sawyer [OFF]:**[SD003] A um milhão de milhas de distância, na ilha caribenha de Barbados, uma menina chamada Robyn Rihanna Fenty cresceu. Aqui está ela no ensino médio, cantando no auditório para os seus amigos.

[Rihanna aparece cantando "Hero", da Mariah Carey]

[SD004] **Até que um dia, ela cantou para um turista, um produtor musical americano, que levou ela para Nova York aos 16 anos.** E com a mesma rapidez que você pode dizer "Umbrella", ela se tornou [SD005] a força que é Rihanna.

[imagens do clipe e de performances ao vivo de "Umbrella"]

**Rihanna:** Eu só tinha um sonho, eu tinha uma ideia. Eu sabia o que eu queria fazer, e era isso que eu ia fazer. Tudo o que eu queria era fazer música, num nível internacional, sabe? Em Barbados, não é um objetivo realista, sabe? Você é uma ilhazinha pequena longe dos Estados Unidos.

**Diane:** E é uma história real que você tinha a escova de cabelo, e você costumava cantar "A Whole New World" do Aladdin? O grande número com a escova de cabelo, na frente do espelho? [risos]

**Rihanna:** Eu acho que toda menina teve esse momento. [risos] Esse e a música da Pequena Sereia.

**Diane [OFF]:** Mas não qualquer sereia.[SD006] **A marca registrada dela é glamour, ousadia, força e aço.** 15 milhões de álbuns depois, ela tem mais hit songs que qualquer pessoa nessa década. E controla um império de patrocínios, editoriais de moda e uma conta bancária nos multi-milhões. E ao lado dela, um namorado que era [SD007] seu par em fama e dinheiro: Chris Brown, que cantou e dançou mais do que todo mundo nos Video Music Awards em 2007.

[imagens do Chris na premiação]

Ele era um [SD008] menino bom, de gravata borboleta, que não bebia ou usava drogas. Eles se conheceram quando ele tinha 15 anos, ela 16. Duas supernovas, [SD009] muito ricas e muito jovens, voando pro topo.

[SD0010] **Diane:** Você já tinha se apaixonado antes? Ele foi seu primeiro grande amor?

**Rihanna:** Ele definitivamente foi meu primeiro grande amor. Ele brincou comigo. Ele brincava bastante, então era uma sensação boa sair do estilo de vida adulto, e quando vocês estão sozinhos, só ser você mesmo. [fotos dos dois]. Nós éramos *melhores amigos* [pausando]. Nós nos apaixonamos. Se apaixonar pelo seu melhor amigo...pode ser assustador.

**Diane:** Assustador...?

**Rihanna:** A gente só se apaixonou...rápido. E quanto mais apaixonados nós ficávamos, mais perigosos nós nos tornamos um para o outro. Iguamente perigosos. Por que [...] era um pouco – um pouco como uma obsessão.

**Diane [OFF]:** Pulando pro dia 7 de fevereiro, 2009. [SD011] Duas séries de fotografias contam uma história dramática. Aqui, à noite, um casal comparecendo a uma festa para os Grammys. [3:46, printar fotos]. Ele tinha dezenove, e ela apenas vinte.

**Rihanna:** Eu estava muito feliz. Nós nos divertimos muito. [sorrindo]

**Diane [OFF]:** Várias horas depois disso, algo aconteceu. Outra foto, publicada pelo TMZ. [printar foto dela inchada] Rihanna, inchada, machucada, violentada.

**Diane:** A foto tirada naquela noite. [SD012] Você viu ela?

**Rihanna:** Eu fico muito [...] envergonhada. Me sinto humilhada. Eu fico com raiva...tudo de novo. Toda vez que eu vejo...a coisa toda passa de novo na minha cabeça. [baixinho]: Então eu não gosto de ver.

**Diane:** Porque se envergonhar? [SD013] Porque você ficaria envergonhada?

**Rihanna:** Eu me apaixonei por *aquela* pessoa. Isso é vergonhoso. É vergonhoso que essa é tipo, uma pessoa por quem eu me apaixonei...me apaixonei tanto. Tão incondicional que eu voltei. É humilhante [...] ver [...] sua cara daquele jeito. É humilhante ver que isso-isso-isso aconteceu, aceitar isso.

**Diane [OFF]:** Ela diz que ela e Brown estava no carro, a caminho de casa depois daquela festa do Grammy. E nos próximos 30 minutos, foi isso que aconteceu: [SD014] ela viu uma mensagem no celular dele e ficou brava.

**Rihanna:**  
Eu peguei ele numa mentira e... ele não contava a verdade. Eu não ia deixar passar, não deixava, eu continua dizendo...eu não conseguia aguentar que ele continuava mentindo pra mim e ele não conseguia aguentar que eu não ia deixar aquilo passar. Porque obviamente, ele estava contra a parede. A verdade está bem ali naquela mensagem de texto. Então...isso escalou até o ponto dele ser violento comigo. E [pausa, sacode a cabeça]...foi feio. [pigarro]

**Diane:** Nós lemos [SD015] o relatório da polícia. [acenando com a cabeça com um ar compreensivo]

[SD016] **Diane, OFF:** Ele diz que ele a empurrou contra uma janela, deu um soco no seu olho direito! [mostrando imagens do B.O., falando com um ar incrédulo]

**Diane:** Diz que em um determinado momento a sua boca [devagar] encheu de sangue....?

**Rihanna:** [acena com a cabeça]...sim....

**Diane:** Eles citam ele dizendo "Eu vou te encher de porrada quando a gente chegar em casa". E em outro momento, "Agora eu vou mesmo te matar".

**Rihanna:** Eu sei que ele estava dizendo isso pra me assustar. [pausa] Mas...ele não tinha...alma nos olhos. Era só...em branco. Então naquela hora eu só não sabia o que podia acontecer. Ele estava tão...claramente...fora de si. [pausa]. Não tinha uma...pessoa quando eu olhei pra ele. Era quase como se ele não tivesse nada a perder. *Ele tem tanta coisa a perder.* E era quase como se ele não tivesse nada a perder. Não era a mesma pessoa que diz..."Eu te amo". Não eram aqueles, definitivamente não eram aqueles olhos.

[SD017] [foto de um close nos olhos do Chris]

**Diane [OFF]:** Ela diz que na sua raiva, ele continuou dirigindo em direção a uma seção residencial de Los Angeles. [SD018] Ela tentou desesperadamente ligar pra sua assistente, ele jogou o telefone pela janela.

**Diane:** O relatório da polícia diz que ele imobilizou a sua cabeça, não uma mas duas vezes, e...realmente te mordeu [pausa] algumas vezes. [SD019] Uma vez no lado esquerdo da sua orelha e depois também mordeu os seus dedos? Ele te mordeu?

**Rihanna:** Sim. [acenando com a cabeça, séria]

[SD020] **Diane:** Eles dizem que essa imobilização foi tão severa em um determinado momento que você não conseguia respirar e começou a perder a consciência.

**Rihanna:** [olhando pro lado] Eu não...perdi a consciência. Mas eu definitivamente tive dificuldade pra respirar.[pausando]

[SD021] **Diane:** O que você estava fazendo pra lutar de volta?

**Rihanna:** Na verdade eu estava só tentando...eu só queria que parasse. Eu só queria que aquilo parasse. Eu não estava interessada em **machucar ele de volta [com força]**.

**Diane:** [SD022] Quando você ouviu alguns dos fãs deles dizendo "ela deve ter feito algo pra fazer ele fazer isso, ele nunca tinha feito isso antes" [imagens do Youtube, vídeos de fãs falando sobre o caso e defendendo o Chris]

**Fã, em vídeo do Youtube:** *Eu não acredito que o Chris Brown atacou a Rihanna por nada. Eu acredito que ela provocou ele e foi isso que aconteceu.*

[SD023] **Diane:** Então, "ela deve ter feito algo, ela bateu nele, ela provocou ele, ela irritou ele?"... [SD024] Como você reage?

**Rihanna:** É – é ignorância. Eu posso dizer isso. [pausa] Porque [...] mesmo que [...] eu tenha batido nele primeiro [...], isso justifica [...] ele fazer isso comigo? Eles estão meio que dando uma desculpa pro que ele fez.

[SD025] **Diane:** Você bateu nele? Em algum momento você disse pra si mesma, [SD026] "bom, isso foi culpa minha"?

**Rihanna:** Não. [pausa] Não bati nele. Foi uma briga.

**Diane:** Uma briga verbal?

**Rihanna:** Verbal.

**Diane:** [SD027] Tinha álcool envolvido? Ele estava bêbado? Você estava bêbada?

**Rihanna:** Não. Não. Nós não estávamos bêbados. Nem estávamos bêbados.

[SD028]**Diane:** Como você achou que aquilo ia terminar?

**Rihanna:** Era nisso que eu pensava o tempo todo. Quando isso vai parar, quando isso vai parar? Quando as pessoas conseguem me ouvir gritando, quando ele está estacionado num bairro e nós estamos bem na frente da casa de alguém...ele ficava dizendo "para de gritar", claro, mas eu continuava gritando e

eventualmente alguém não saiu, eles só ligaram pra polícia de dentro. Eu estava...violentada. Eu estava sangrando, eu estava inchada no rosto, [respira], então, não tinha nenhum jeito de eu *chegar em casa*. Exceto...minha próxima opção era sair do carro e andar. Começar a andar, num vestido de gala e com a cara ensanguentada.

[PARTE 2]

Então eu realmente não sei qual era o meu plano. Eu não tinha um plano. [pausa] Toda aquela noite não estava nos meus planos.

[SD029] **Diane:** Ele já tinha feito isso antes?

**Rihanna:** Não.

**Diane [OFF]:**

[SD030] Mas nós contamos pra ela que lemos outro documento policial que cita dois incidentes anteriores. Uma vez, quando ele quebrou a janela do SUV dela, e outro momento em que eles brigaram e...

**Diane:**...ele repetidamente te empurrou contra uma parede, e-

**Rihanna:** Ele não me empurrou repetidamente contra uma parede.

**Diane:** O que aconteceu?

**Rihanna:** Ele me empurrou contra a parede.

[SD031] **Diane:** Isso não é acontecer? Isso não foi um aviso?

**Rihanna:** Quando eu digo que não aconteceu, eu quero dizer que nunca foi...Eu nunca sangrei, inchei, olho roxo, machucada... não era...não era uma *luta*.

**Diane [OFF]:** Distinções que podem ecoar até as maneiras que você lida quando é uma criança em um lar conturbado. Outra coisa que ela nunca tinha planejado em deixar o mundo saber. [SD032] Mas ela diz que seu pai fazia o mesmo com a sua mãe.

**Diane:** Era abusivo?

**Rihanna:** Sim.

**Diane:** Fisicamente?

**Rihanna:** Sim.

**Diane:** Ele batia nela?



**Rihanna:** É. [pausa] Em várias ocasiões. Era...era tipo, eu não quero dizer normal, mas não era uma surpresa quando acontecia. Eu só sempre antecipava que ia acontecer, e era por isso que à noite eu não queria dormir porque eu estava com muito medo que acontecesse. [risos] Eu só puxava ela pra longe, eu batia na perna do meu pai o tempo todo, tentando ficar no meio. Quebrando garrafas de vidros pra que eles conseguissem ouvir outra coisa e sair daquilo.

[SD033] **Diane:** Ela foi levada pro hospital, pro médico, tão grave assim?

**Rihanna:** Não, ela nunca foi pro hospital mas [pausa] ele quebrou o nariz dela uma vez, mas ela nunca ia pro hospital. [risos] Violência doméstica não é algo que você queira que as pessoas saibam, então ela só escondia em casa. Eu dizia pra mim mesma [pausa]: "Eu nunca vou namorar alguém como meu pai, nunca". Eu sempre dizia isso.

**Diane [OFF]:** Seus fãs ficaram pasmos com o que Chris Brown tinha feito com ela. E ainda mais chocados com [SD034] o que *ela* fez depois.

**LOCUTOR:** A seguir, mesmo na blitz da mídia depois do abuso, Rihanna ainda voltou pro Chris Brown. [SD035] Os fãs querem saber: "por quê?"

**Rihanna:** Eu só precisava dizer pra ele: "Não faça nenhuma bobagem".

**Diane:** [SD036] Você disse pra ele que o perdoava?

**LOCUTOR:** Quando o 20/20 retornar, depois disso das nossas estações ABC.

**[INTERVALO COMERCIAL]**

**[FIM DO INTERVALO]**

**Diane [OFF]:** Logo depois da Rihanna ser agredida, o caso foi uma sensação midiática, com todo mundo opinando.

**INSERTS**

**Oprah:** Se um homem te bate uma vez, ele vai te bater de novo.

**Jamie Foxx:** Nenhum homem deve colocar suas mãos em uma mulher, nunca.

**Comentarista do The View:** Rihanna, se acontecer de novo, é melhor você correr pras colinas.

**Fã no Youtube #1:** Se pode acontecer com estrelas como ela, bom, eu espero que mostre pras pessoas que pode acontecer com qualquer um

**Fã no Youtube #2:** Se ele realmente te amasse ele não ia colocar as mãos em você desse jeito.

**Diane [OFF]:** A maioria de nós imaginava que [SD037] teria que ser diferente pra essa superestrela formidável que estava cercada de patrocinadores. [IMAGENS DO CLIPE DE "UMBRELLA"] Milhões de dólares, amigos poderosos, mas nós estávamos errados. Ela diz que logo depois do incidente, ela estava [SD038] exatamente como tantas outras mulheres abusadas, cheia de sentimentos confusos e em conflito sobre onde ir ou o que fazer. [FOTO DA POLÍCIA DO ROSTO DE RIHANNA DESFIGURADO]

**Rihanna:** Pura e simplesmente, negação é você começar a mentir pra si mesma. **No minuto em que as feridas físicas vão embora, você quer que essa coisa vá embora.** Esse é um momento que você não quer ter nunca mais. Então no minuto [pausa] que as feridas físicas vão embora, você tenta colocar isso pra trás na sua cabeça e você começa a mentir pra si mesma subconscientemente.

**Diane:** Mentir dizendo "não foi tão ruim quanto eu pensava", mentir dizendo "ele mudou", mentir como?

**Rihanna:** Inicialmente você começa a pensar "o que eu posso possivelmente ter feito pra fazer ele me bater e fazer isso?". Tipo, **you** **passa aquilo de novo na sua cabeça e de repente você fica tipo, sabe, para. Para. Eu só não falei sobre isso com ninguém. Com ninguém. Não com os meus amigos, [voz embargada], não com a minha família, eu não queria as pessoas olhando pra mim e sentindo pena tipo "olha lá a vítima", então eu me senti realmente sozinha.** Tiveram momentos em que eu chorei, horas em que eu

só sentei o dia inteiro e assisti TV. Eu não podia nem voltar pra minha própria casa porque tinham 200 pessoas do lado de fora [imagens dos paparazzi] com câmeras, paparazzi, jornalistas, fãs, vizinhos...tinha helicópteros sobrevoando, então eu me sentia como se tivesse ido dormir como Rihanna e acordado como Britney Spears com algo assim, só pra te dar uma noção do nível de caos. E eu fiquei tipo "Se eu me sinto deprimida assim, então pelo que ele tá passando?" [pausa]. De novo, mentindo pra si mesma. Eu tinha que proteger ele. O mundo inteiro bate nele agora? Os fãs, a carreira? Ele recém, ele recém me perdeu e eu preciso dizer pra ele, "não faça nenhuma besteira".

**Diane:** Você diz tipo se machucar...

**Rihanna:** Sim..

[SD039] **Diane:** Você achou que ele podia, você achou que ele podia realmente [pausa] tentar se matar?

**Rihanna:** Eu só [gaguejando], tudo estava passando pela minha cabeça porque eu sei que ele *nunca* teve que lidar com algo desse tipo. Eu não estou dizendo que isso é uma desculpa pra eu voltar, mas era nisso que eu estava pensando.

**Diane [OFF]:** [SD040] Mas voltar pra ele foi exatamente o que ela fez. Primeiro de março, só três semanas depois do incidente, ela voou pra ficar com Chris Brown em Miami. [SD041] Os fãs dela ficaram confusos.

**Fã no Youtube #3:** Eu acho que voltar pra ele seria como dizer que foi ok fazer aquilo. E todos nós sabemos que não é ok.

**Fã no Youtube #4:** Eu não quero que vocês, mulheres lá fora, pensem que isso é ok. Isso não é ok. Um homem coloca as mãos em você, "até mais, otário".

**Fã no Youtube #5:** Eles podem tentar fazer o relacionamento funcionar se escolherem.

**Diane [OFF]:** E também havia mensagens de algumas fãs, algumas meninas novas, que diziam que elas também estavam sendo machucadas e agredidas. Lá em Miami, Chris

Brown parecia estar muito aliviado que ela estava de volta com ele, [SD042] até exuberante de ter tudo do jeito que era.

**[SD043] Diane:** E você achou que era isso, vocês iam ficar juntos de novo?

**Rihanna:** Eu realmente não sabia. Eu realmente não sabia mesmo. Eu passei por [pausa] uma série de emoções.

[SD044] **Diane:** Você disse a ele que o perdoava?

**Rihanna:** Não. Foi confuso pra mim. Eu ainda estava apegada pelo amor, mas não estava pensando na realidade da situação. Eu construí esse império e o homem que eu amo me bateu e por que eu escolhi voltar, eu vou perder isso? Não. E mesmo assim, você vê, você começa a mentir pra si mesma de novo, e eu só pensei: "Nah, isso é egoísta, eu não posso pensar assim. Isso é egoísta. E se realmente for pra eu ajudar ele?" **Mas quando eu me dei conta de que [pausa] a minha decisão egoísta por amor [pausa] podia resultar [pausa] em, em alguma menina sendo assassinada, [embargando a voz], eu não podia, [pausa], eu não podia ficar tranquila com essa [pausa] parte. Eu não podia ser responsável por dizer pra elas voltarem.**

Mesmo se o Chris nunca me batesse de novo, quem pode dizer que os namorados delas não vão? Quem pode dizer que eles não vão [pausa] *matar essas meninas*? E essas são, essas são *meninas novas*, e eu não...eu simplesmente não me dei conta do tamanho do impacto que eu tive na vida dessas meninas até que aquilo aconteceu. Foi um alerta pra mim [pausa], dos grandes.

**[SD045] Diane: Como você terminou? Quando você terminou?**

**Rihanna:** Logo depois de Miami. Eu fui direto pra Los Angeles, e só disse pra ele [pausa]. "Eu não posso fazer isso". Eu ressentia ele, eu ressentia ele tanto e eu sempre fazia cara de durona, a cara de "eu posso fazer qualquer coisa", e só tentava deixar pra lá. Mas ele sabia, ele sabia. Ele ficava me perguntando "você me odeia, né? Você me odeia" e eu mentia e dizia "não, não" e eu odiava. Tudo

nele me irritava, ele estando perto de mim, ele falando comigo, tudo era irritante pra mim. Então eu finalmente disse "Não dá. Nós não podemos fazer isso. Eu não posso continuar fazendo isso".

### [PARTE 3]

**Diane:** E essa foi a última vez que você falou com ele?

**Rihanna:** Eu falei com ele depois disso, mas nós não estávamos...num relacionamento. Sabe, ele não aceitou isso muito bem. Ele obviamente não queria que a gente ficasse separado, mas eu sei como fazer uma decisão pra mim.

### [TRILHA INSTRUMENTAL, PIANO]

**Diane [OFF]:** [SD046] Ele lançou uma série de apelos públicos, dizendo que ele tinha escrito uma música pra ela, um pedido de desculpas chamado "Changed Man". [tradução livre: Homem Mudado]

### [SOBE SOM: CHANGED MAN]

*[fotos dos dois sorrindo]*  
*I remember your touch*  
*God, I miss you so much*  
*Believe me, baby I'm sorry*

[SD047] **Diane:** Quando você ouviu a música, o que você pensou?

**Rihanna:** Eu não ouvi. [pausa]

**Diane:** Não queria ouvir?

**Rihanna:** Não.

**[INSERT] Chris Brown no Larry King:** Eu queria poder ter mudado aquela noite.

[SD048] **Diane [OFF]:** Ele também foi no Larry King com a sua mãe, e explicou que quando era menino, ele ouvia seu padrasto bater na mãe. Mas o padrasto nega.

**[INSERT] Chris Brown no Larry King:** Tinha vezes que eu costumava ficar com medo de ir pra cama, porque eu ficava, bem, não sei...

**Rihanna:** Ele esqueceu a dor que ele presenciou com a mãe. A fama veio pro Chris muito, muito jovem, ele era muito novo, então...com a fama vem muitas coisas. E a coisa mais perigosa é a liberdade. Sem limites, sem fronteiras. Você é um garoto e a palavra "não" não existe? Você se torna invencível. E você não pensa, não tem certo e errado, você só faz como quiser.

### **Diane, OFF:**

E do Chris Brown, mais uma desculpa: um vídeo, lançado online. [SD049] Ela diz que essa é a primeira vez que ela assiste a esse vídeo.

### **[INSERT] Chris Brown, no vídeo:**

Eu disse pra Rihanna inúmeras vezes e estou dizendo para vocês hoje que estou realmente arrependido que não fui capaz de lidar com a situação melhor e de uma maneira diferente...

**Diane:** Quando você vê isso, o que você está ouvindo, o que você está vendo...

**Rihanna:** Umm, parece que [pausa] ele podia estar lendo de um teleprompter. Pare que ele está lendo. Ficar preocupado sobre a minha decisão, então depois de eu dizer que tudo bem ser espancada e voltar, quem se importa se você morrer...se eu fosse uma marca de carpetes eu também não ia querer isso.

**Diane:** Eu acho que na média, leva sete vezes até que a mulher vá embora.

**Rihanna:** Oito ou nove, na verdade.

**Diane [OFF]:** Mas ela insiste que isso não vai acontecer com essa menina [imagens de Rihanna numa passarela] que sonhou da pequena ilha caribenha [imagens da performance do ensino médio mostrada no início do programa] até a [SD050] vida de confiança desafiadora que tornou Rihanna uma estrela [imagens da cantora num tapete vermelho].

[SD051] **Diane:** Tantas pessoas disseram "Ela parece a pessoa com a menor chance de estar

numa situação onde isso aconteceria. Ela sempre pareceu tão forte..."

**Rihanna: Eu sou forte. [pausa] Isso aconteceu comigo. [pausa].** Eu não causei isso. Eu não fiz isso. Isso aconteceu comigo e pode acontecer com *qualquer uma*. E eu fico feliz que tenha acontecido comigo. Porque agora eu posso ajudar as meninas novas

## 2. Decupagem da entrevista concedida por Chris Brown ao 20/20

**ÂNCORA:** Aos 20 anos, Chris Brown já chegou ao topo e caiu ao fundo do poço depois de agredir a sua ex namorada, a sensação do pop Rihanna. Nós ouvimos Rihanna há algumas semanas aqui no 20/20, e hoje à noite Chris Brown fala numa entrevista sincera com minha colega Robin Roberts.

[imagens clipe]

**Robin [OFF]:** Ele só tinha dezesseis anos quando voou pro topo dos charts da Billboard. Com os seus saltos que desafiam a gravidade e aquela voltinha inconfundível, o adolescente magrinho com um sorriso vencedor foi coroado como o próximo Michael Jackson. Chris Brown rapidamente virou o príncipe do R&B. A manchete que roubava o show em todas as premiações, dos Grammys aos MTV Music Video Awards. [imagens das premiações]. Ele apareceu naquela noite com Rihanna, a rainha adolescente do pop que ele conheceu quando tinha apenas quinze anos.

**Chris:** Eu tive namoradas no passado e coisas assim, mas ficar apaixonado de verdade foi a primeira vez.

**[INSERT] Rihanna, no programa anterior:** Ele foi definitivamente meu primeiro grande amor. Nós éramos *melhores amigos*. Nós nos apaixonamos.

[imagens dos dois juntos no BET awards]

**ROBIN [OFF]:** Pro mundo lá fora, eles eram o casal perfeito. Mas dentro do relacionamento algo perturbador estava começando a emergir. Em fevereiro, os paparazzi capturaram estas fotos do casal

quando elas passam por isso. Eu digo isso pra qualquer menina que esteja passando por violência doméstica: não reaja no amor. Foda-se o amor. Saia da situação e olhe pra ela em terceira pessoa, pelo que ela realmente é, e aí faça sua decisão, porque o amor é tão cego. É tão cego.

glamouroso numa festa. [fotos da festa pré-Grammy]

Mas apenas horas depois, Rihanna contou pra polícia que Chris Brown [imagens dela espancada] mordeu e socou ela com tanta força, que a sua boca começou a se encher de sangue. A foto chocante surgiu no TMZ.

**ROBIN:** Você se deu conta que tinha um problema com raiva?

**CHRIS:** Bom antes, quero dizer, eu nunca tinha tido problemas com raiva. Nada de violência doméstica com nenhuma das minhas namoradas anteriores ou alterações.

**ROBIN [OFF]:** Mas o relatório da polícia descreve um incidente tão violento que o sangue da Rihanna estava respingado pelo interior do carro dele. Quando ela tentou ligar pra assistente pra pedir ajuda, ele disse "*Agora eu vou realmente te matar*".

[volta para a entrevista, os dois vendo a fala da Rihanna]

**RIHANNA [NA TV]:** Ele não tinha...alma nos olhos. Era só...em branco. Então naquela hora eu só não sabia o que podia acontecer. Não era a mesma pessoa que diz..."Eu te amo". Não eram aqueles, definitivamente não eram aqueles olhos.

**ROBIN:** Isso é correto?

**CHRIS:** Meu temperamento...eu acho que quando digo que estava errado no que fiz...e eu com certeza diria que não é algo que eu passe por cima...é algo muito sensível, e como eu disse, estou realmente arrependido do que aconteceu e do que sucedeu, de maneira

alguma considero que é necessário ou aceitável.

**ROBIN [OFF]:** Depois dele se entregar para encarar a polícia, a opinião pública se voltou contra o cantor.

**[INSERT] Comentarista do The View:**

Rihanna, se acontecer de novo, é melhor você correr pras colinas.

**CHRIS:** Foi algo que eu, eu realmente tive que pensar sobre e ficar tipo "Cara, eu realmente decepcionei muita gente".

**ROBIN [OFF]:** Seus anunciantes o largaram, e estações de música em todo o país baniram suas músicas. Mas foi o pedido de desculpas que ele postou no seu site que trouxe algumas das críticas mais duras.

**[INSERT] CHRIS, NO SITE:**

Eu sou Chris Brown. Desde fevereiro meu advogado tem me aconselhado a não falar, mesmo que desde o incidente eu queria expressar publicamente meu mais profundo arrependimento e aceitar total responsabilidade.

**CHRIS: [DE VOLTA NO ESTÚDIO]**

Eu tive uma semana, nah, nem uma semana, talvez três ou quatro dias de, de RP [relações públicas] e eles só me dizendo: "Ok, não diga isso e não diga isso dessa maneira, porque eles vão encarar dessa maneira", então eu, minha cabeça não estava realmente me dando uma chance de ser eu. Era ser eu mesmo através de outras pessoas. Era genuinamente pra mim mas não era projetado de uma maneira genuína.

**ROBIN:** Eu quero passar um clipe pra você, que a Rihanna disse, e só pegar a sua reação a ele. Podemos passar ele agora?

**RIHANNA [NA TV]:** O rosto, o braço quebrado, o olho roxo...isso vai sarar. Esse não é...[sacode a cabeça] o problema. É a cicatriz de dentro.

**ROBIN:** A cicatriz dentro...quando você ouve ela dizer isso, você consegue entender isso?

**CHRIS:** Absolutamente. Eu consigo ver o estrago que isso faz, mentalmente, mais do que físico.

[foto do Chris criança]

**ROBIN [OFF]:** Ele disse que presenciou esse estrago na sua própria vida. Em 2007, ele falou com Tyra Banks sobre o abuso que a sua mãe sofreu do padrasto, que sempre negou as queixas.

**[INSERT PROGRAMA DA TYRA BANKS]**

**CHRIS:** Isso me afetou, sabe o que eu estou dizendo? Basicamente, especialmente em relação às mulheres, eu trato elas de um jeito diferente, eu sei que não quero passar pela mesma coisa, ou fazer uma mulher passar pela mesma coisa que aquela pessoa fez a minha mãe passar.

**[INSERT DO OUTRO PROGRAMA]**

**RIHANNA:** Ele esqueceu da dor que presenciou com a mãe dele. Ele tipo, esqueceu disso.

**ROBIN:** É difícil pra você ouvir Rihanna dizendo essas coisas?

**CHRIS:** É, é bem difícil. Dói mas é só algo que eu preciso ter responsabilidade sobre porque eu sou responsável pelas minhas ações.

**[IMAGENS DO CHRIS NO TRIBUNAL]**

**ROBIN [OFF:]** Chris Brown se declarou culpado do crime de agressão. Ele foi condenado a seis meses de serviço comunitário e um ano de aconselhamento para violência doméstica.

**ROBIN:** E como essas aulas têm te ajudado, essas aulas obrigatórias?

**CHRIS:** Essa aula, não tô dizendo que necessariamente ela te ensina como amar, mas tipo essas emoções que ficam misturadas quando você está só, apaixonado, ou onde tem ciúme, insegurança, qualquer que seja o caso em relacionamentos, ela só te ensina a ser responsável por quem você é.

[imagens de uma matéria de revista sobre os dois, com o título: WHY SHE TOOK HIM BACK em letras garrafais]

**ROBIN [OFF]:**

Três semanas depois da agressão, os fãs ficaram chocados ao saber que eles tinham se reconciliado em Miami. Mas Rihanna logo decidiu terminar com ele. Ele escreveu uma música, "Changed Man", como um apelo ao perdão dela.

**MÚSICA: [changed man]**

*I remember your touch/God I miss you so much/ Please believe me, baby I'm sorry  
Eu lembro do seu toque/ Meu deus, eu tenho tanta saudade/ Por favor acredita em mim, baby, me desculpe*

[imagens da rihanna no tapete vermelho]

**ROBIN:** Ela disse que não ouviu a música que você fez pra ela. Mas se ela vai te ouvir agora, se ela está vendo isso, o que você gostaria de dizer pra ela? [sorrindo]

**CHRIS:** Eu e ela conversamos, nós falamos sobre a situação, e ela sabe o quanto eu estou arrependido. Ela ouviu a música [sorrindo], então...

**ROBIN:** Como você sabe que ela ouviu a música? Ela disse que não ouviu a música...[rindo]

**CHRIS:** Eu toquei a música pra ela. [sorrindo]

**ROBIN:** Quando você fez isso?

**CHRIS:** No dia que eu fiz a música. [sorrindo]

**ROBIN:** E quando foi isso?

**CHRIS:** Eu fiz...isso seria um mês depois da situação.

**ROBIN:** E qual foi a reação dela depois que ouviu a música?

**CHRIS:** Honestamente, eu quero dizer....Eu posso ser honesto com você. Eu não vou nem...ela chorou quando ela ouviu a música. E

digo, não tô querendo chamar ela de nenhum mentirosa ou nada do tipo, mas eu toquei a música pra ela quando eu escrevi. E ela chorou.

[imagens da Rihanna num carro]

**ROBIN OFF:** Em junho, quando ele foi condenado a cinco anos de liberdade condicional, uma medida restritiva obriga ele a ficar a cem jardas de distância dela, e dez jardas em eventos públicos.

**ROBIN:** Você ainda ama a Rihanna?

**CHRIS:** Ummm, eu tenho amor por ela.

**ROBIN:** Você tem amor por ela.

**CHRIS:** É.

**ROBIN:** Como você é diferente agora? Nesse último ano?

**CHRIS:** Eu acho que ser...Não vou dizer ridicularizado, mas só criticado e escrutinado por muitas pessoas e só poder ver quem eu sou como pessoa, só me formou pra ser mais forte e um jovem homem negro melhor.

[imagens do chris e da robin caminhando na rua]

**ROBIN OFF:**

Agora, aos 20 anos, Chris Brown está tentando refazer o caminho que o transformou numa superestrela adolescente. Ele se refugia em prazeres infantis, que revelam o menino dentro do homem.

[imagens do closet dele, cheio de tênis]

**ROBIN:** Quantos pares de sapatos, de tênis, eu não vejo nenhum repetido, são todos diferentes! [rindo]

**CHRIS:** Eu tinha alguns repetidos, mas o que eu faço é comprar dois pares e jogar bola em um deles.

**ROBIN [OFF]:** Ele vai lançar um novo CD em breve, "Grafitti".

[imagens clipe de Crawl]

*Everybody sees it's you/I'm the one who lost the view*

*Everybody says we're through/I hope you haven't said it too*

*Todo mundo vê que é você/Eu sou quem perdeu a vista*

*Todo mundo diz que a gente já era/Eu espero que você não tenha dito também*

**CHRIS:** Eu realmente só tento, tento focar no que eu posso fazer com o meu talento. Realmente mostrar pras pessoas o que fez elas se apaixonarem por mim. Realmente meio que dar tudo de mim de volta pra elas.

**ROBIN [OFF]:** A letra é um lembrete assombante de lições aprendidas e amor perdido.

[Pre-Chorus]

*So where are you standing now?*

*Are you in the crowd of my faults?*

*Love, can't you see my hand?*

*I need one more chance, we can still have it all*

[Chorus]

*So we'll crawl 'til we can walk again*

*Then we'll run until we're strong enough to jump*

*Then we'll fly until there is no wind*

*So let's crawl, crawl, crawl*

*Back to love, yeah*

*Back to love, yeah*

[Bridge]

*Everybody see's it's you*

*Well, I never wanna lose that view*

[Chorus]

*So we'll crawl 'til we can walk again*

*Then we'll run until we're strong enough to jump*

*Then we'll fly until there is no wind*

*So let's crawl, crawl, crawl*

*So we'll crawl 'til we can walk again*

*Then we'll run until we're strong enough to jump*

*Then we'll fly until there is no wind*

*So let's crawl, crawl, crawl*

TRADUÇÃO:

*Então onde você está agora?*

*Você está na platéia do meu apoio?*

*Amor, você consegue ver minha mão?*

*Eu preciso de mais uma chance*

*Nós ainda podemos ter tudo*

*Se nós rastejarmos*

*Até podermos andar de novo*

*Então vamos correr*

*Até que nós estejamos fortes o suficiente para saltar*

*Então vamos voar*

*Até não ter mais vento*

*Portanto vamos rastejar*

*Rastejar, rastejar*